SOCIEDADE DE PSICODRAMA DE SÃO PAULO
THIAGO CAMARGO DOS SANTOS

DA PRISÃO SUBJETIVA À LIBERDADE:
REFLEXÕES PSICODRAMÁTICAS A PARTIR DE UM CASO
CLÍNICO

SÃO PAULO - SP

2015

SOCIEDADE DE PSICODRAMA DE SÃO PAULO
THIAGO CAMARGO DOS SANTOS

**DA PRISÃO SUBJETIVA À LIBERDADE:
REFLEXÕES PSICODRAMÁTICAS A PARTIR DE UM CASO
CLÍNICO**

Monografia apresentada, como pré-requisito para a
Conclusão de Curso de Formação em Psicodrama
nível I - foco psicoterápico.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mariângela Pinto da Fonseca
Wechsler

SÃO PAULO - SP

2015

**DA PRISÃO SUBJETIVA À LIBERDADE:
REFLEXÕES PSICODRAMÁTICAS A PARTIR DE UM CASO
CLÍNICO**

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^a Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler

Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Assinatura _____

Dedico este trabalho a todos que de alguma forma fizeram ou farão parte da sucessão de encontros em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, imanente e transcendente, presente em minha existência e manifesto em minhas ações.

A minha esposa Aline, pelo apoio e cumplicidade.

Aos meus familiares e amigos, pelos momentos compartilhados e palavras de incentivo.

À Mariângela Wechsler, pelo apoio, incentivo e clareza que me deram base segura na elaboração desta monografia.

Aos professores e orientadores do curso de formação e colegas da SOPSP, por nossos encontros ter me proporcionado um melhor aprofundamento, e compreensão das questões psicológicas dentro do psicodrama.

A tia Ana Maria pela estadia em sua casa no período de curso.

A minha psicoterapeuta Ana Corina pelas importantes dicas e apoio.

Aos colegas da turma Suricatos, do curso de formação, por participarem ativamente, junto comigo desta bela etapa que concluímos.

O sábio Senhor

Thiago Camargo dos Santos

O dever se impõe carrasco,
Fazendo-nos escravos,
Presos ao tempo cronometrado.
Mas o existir do tempo
é também autor da saudade,
da falta, e do desejo de nos encontrar.

A vida imprimiu o medo!
Presente desde cedo.
Que nos fez por vezes paralisar,
Mas também proporcionou coragem,
o encontro necessário com a realidade,
para podê-la enfrentar.

Na vida surgiu a ira!
Uma raiva desmedida
que de tanto alimentada fez os sonhos desmoronar
Mas também produziu saídas,
mudanças produtivas
para novos sonhos alcançar.

A vida propôs o amor!
E esse sim sábio Senhor,
faz-nos capaz de tudo superar.
O dever, o medo, e a raiva diante do amor só podem se curvar,
Numa reverência perene,
enquanto for permitido a ele, reinar.

SUMÁRIO

RESUMO	9
ABSTRACT	10
I. INTRODUÇÃO	11
II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 O que é liberdade?	14
2.1.1 A liberdade para o time dos filósofos da transcendência	14
2.1.2 A liberdade para o time dos filósofos da imanência	21
2.2 Vida e obra de Moreno	28
2.3 A liberdade na teoria psicodramática	32
2.3.1 A liberdade na obra de Moreno	32
2.3.2 A liberdade nos pós morenianos	36
2.4 Conceitos fundantes desta monografia	40
2.4.1 Espontaneidade, criatividade e conserva cultural	40
2.4.2 Tele, coconsciente e coinconsciente	42
2.4.3 Teoria de papéis e cacho de papéis.	44
2.4.4 Matriz de identidade e construção da identidade	46
2.4.5 Conjunto transferencial.	49
III. FUNDAMENTAÇÃO METODOLOGIA	57
3.2 Procedimento da pesquisa	59
3.2.1 Sobre o sujeito	59
3.2.2 Sobre as sessões	59
3.2.3 Sobre o foco do trabalho prático e o foco da leitura deste trabalho	59
3.3 A práxis psicodramática	59
3.3.1 Contextos	60
3.3.2 Instrumentos	60
3.3.3 Etapas	62
3.4 Os métodos e técnicas vivenciados	62
3.4.1 Métodos	62
3.4.2 Técnicas	64

IV. APRESENTAÇÃO DO CASO	65
4.1 Contextualizando o caso clínico.	66
4.2 Apresentação da sessão "A prisão de Maria"	68
V. DISCUSSÕES E REFLEXÕES A PARTIR DA PRÁTICA	74
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83

SANTOS, Thiago Camargo dos. **Da prisão subjetiva à liberdade: Reflexões psicodramáticas a partir de um caso clínico.** 2015. 44f. Monografia (Pós Graduação) Curso de Formação em Psicodrama nível I - foco psicoterápico. Sociedade de Psicodrama de São Paulo e Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2015.

RESUMO

Esta monografia teve como objetivo realizar uma reflexão sobre o que é "uma clínica para liberdade" e como o psicodrama enquanto abordagem teórico/metodológica pode contribuir, para o alcance da liberdade em seu sentido psicológico. Foi realizada a discussão e reflexão de uma sessão a partir de foco psicoterápico, de uma intervenção clínica individual, bipessoal, tendo em vista conceitos importantes da teoria psicodramática. Esta reflexão nos permitiu verificar que uma clínica para a liberdade é aquela que através de seus métodos possibilita caminhos subjetivos de liberdade, e que compreende que apesar das diversas determinações a que somos "presos" há em nós uma existência indeterminada. E o psicodrama nesse sentido, possibilita essa resposta de liberdade através de sua abordagem teórico/metodológica, da espontaneidade e criatividade. Também mostrou através do caso a filiação filosófica do psicodrama a partir de filósofos da imanência.

Palavras chave: Liberdade. Psicodrama. Espontaneidade. Personagem.

SANTOS, Thiago Camargo dos. **Prison subjective to freedom: psychodrama reflections from a case.** 2015. 44f. Monografia (Pós Graduação) Curso de Formação em Psicodrama nível I - foco psicoterápico. Sociedade de Psicodrama de São Paulo e Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2015.

ABSTRACT

This study aimed to carry out a debate on what a clinic for freedom can contribute to the achievement of “subjective freedom” and how a methodological and theoretical approach like psychodrama can help it. A session was held from psychotherapeutic focus to analyse a discussion of an individual clinical intervention, bipersonal, in view of important concepts of psychodrama theory. This study allowed us to verify that a “clinic for freedom” through its methods makes possible subjective ways of freedom, and understanding that despite several determinations that are preconceived, has an undetermined existence. The psychodrama’s sense of freedom enables the response through its theoretical / methodological approach, spontaneity and creativity. Also, it showed the philosophical affiliation of psychodrama from philosophers of immanence.

Keywords: Freedom. Psychodrama. Spontaneity. Character.

I. INTRODUÇÃO

1.1 Trajetória Pessoal do Autor

Não saberia falar de minha trajetória no psicodrama sem falar, um pouco, da minha trajetória, da infância, passando pela música, e pela psicologia até chegar ao psicodrama.

Sou natural de São Bento do Sapucaí SP e desde sempre, moro em Sapucaí Mirim MG. Sou o filho do meio, de três, sendo uma irmã um ano e seis meses mais velha e um irmão um ano e quatro meses mais novo. Sou de família de classe média, média. Minha mãe trabalhava como enfermeira num hospital e meu pai com serviços gerais, pedreiro, marceneiro, motorista, e trabalhador rural.

Minha primeira formação acadêmica foi bacharelado em música pela Faculdade Santa Cecília em Pindamonhangaba SP. Que cursei em de 2002 a 2004. No curso de música me lembro das aulas do professor Ângelo, de sociologia, que despertou em mim o interesse pelas ciências humanas. Meu interesse pela psicologia, no campo das ciências humanas, advém também da curiosidade de compreender o comportamento humano. Na adolescência (a partir dos 13 anos) a noção de ordem e harmonia do mundo começou a se descortinar. Perguntas existenciais surgiam: “*Quem sou eu?*”, “*Qual o sentido da vida?*” A pergunta existencial trazia uma angústia em seu bojo. Não era nada simples responde-la e eu não tinha, ou não sabia, com quem conversar a respeito dessas questões. A adolescência descortinava um mundo mais realista, que me trazia perguntas, e angústia que me fez movimentar existencialmente. A música foi minha linguagem de expressão e identificação nessa fase, principalmente o rock, que se aproximava de minhas angústias, pela sua energia manifesta e declarada de amor e ódio, tristeza e incertezas.

A música também me levou a igreja e com ela, à uma profunda experiência espiritual. Minha existência encontrava agora sentido na transcendência, em Deus através da religiosidade. De 2000 a 2006 vivi uma fase espiritual/religiosa, assim como Moreno, envolvido com a Renovação Carismática Católica (RCC) e as Aparições de Jacareí. Esse tempo foi marcado por um mergulho profundo na vivência espiritual, no entanto bastante preso a roupagens ou preceitos religiosos. Mesmo assim foi um tempo de grande crescimento e amadurecimento.

Com a ruptura com a RCC outra necessidade se via. Já formado em música, queria algo a mais. Aquela angústia existencial inicial podia então ser transformado em sentido, mas ainda precisava se materializar em ação, em fazer, e para isso ainda faltava uma maior compreensão do mundo, que busquei então, ingressando no curso de psicologia em 2006. Esta formação ampliou meu olhar para o mundo e para o comportamento humano. Foi no curso de psicologia que o contato com o psicodrama surgiu dentre as diversas abordagens psicológicas. As aulas de psicologia de grupos do 4º ano eram dadas por psicodramatistas que falavam muito de Moreno e do psicodrama. Comecei a compreender melhor a teoria e sua fundamentação fenomenológica. Durante todo o último ano do curso, 5º ano, fiz estágio em psicodrama e me encantei com o método e com as técnicas da ação psicodramática. A possibilidade da expressão dramática promovido pelas cenas abriu um novo caminho de tratamento que me encantou. Uma teoria e metodologia que permite ir, além da comunicação verbal a partir da ação no “como se” em busca da espontaneidade e da criatividade. Já me considerava então um psicodramatista e estava determinado em fazer a formação em psicodrama em breve. Concluí o curso de psicologia em 2010. E trabalhei como psicólogo no Centro de Referência de Assistência Social da minha cidade durante todo o ano de 2011. No mesmo ano comecei a fazer atendimento clínico numa clínica particular em Paraisópolis MG. Casei em novembro de 2011 e em fevereiro de 2012 fui chamado para ocupar o cargo de psicólogo da saúde na UBS de uma cidade do Sul de Minas onde trabalho.

Em 2013 ingressei no curso de Formação em Psicodrama pela Sociedade de Psicodrama de São Paulo em parceria com a PUC SP. O curso de psicodrama tem realmente sido a ponte capaz de ligar o abismo entre ciência e divindade, sem deixar de lado o contexto artístico e social. O Deus já não estava somente no céu ou no próximo a mim. O Deus também sou EU, com minha capacidade criadora através da espontaneidade. A teoria Moreniana me fez acreditar na centelha divina existente em cada ser humano, estou aprendendo a viver a minha centelha divina na minha prática, estou facilitando as pessoas a fazê-lo também, como criadores, dando resposta novas a situações velhas, e respostas adequadas a novas situações.

Esses dois anos de curso me possibilitaram uma vivência profunda com a metodologia moreniana. Pude levar, desde o início, os conhecimentos adquiridos para a minha prática profissional e para a minha vida pessoal. A produção nesses dois anos foi intensa e contínua. No meu trabalho vejo resultados satisfatório nos atendimentos clínicos, no desenvolvimento de práticas de promoção de saúde e práticas sociais. Através do olhar psicodramático, da

metodologia e das técnicas pude desenvolver meu papel profissional e colho o reconhecimento dos pacientes e dos gestores.

O curso de formação me possibilitou um encontro no sentido moreniano com colegas e professores. As relações são horizontais e as trocas são de dupla mão. Sem falar que estudamos com excelentes professores que trazem uma longa história com o psicodrama e são os grandes representantes do psicodrama brasileiro e mundial.

Concluo que minha trajetória no psicodrama está apenas começando, e muito tenho ainda para caminhar, construir e criar. Uma etapa desta caminhada é este curso de formação que se encerra fechando com "chave de ouro" com este trabalho de conclusão de curso no foco clínico. Da prisão subjetiva à liberdade: reflexões psicodramáticas a partir de um caso clínico.

1.2 Justificativa e Objetivos

Este trabalho foi desenvolvido na minha prática como psicólogo da saúde na UBS de uma cidade do sul de Minas Gerais, num contexto de atendimento clínico individual, bipessoal. Nesta UBS tem somente um Psicólogo (o próprio autor) na equipe, e a justificativa mora na necessidade de dar visibilidade a este modo de fazer clínica - a psicodramática, numa dupla perspectiva: A primeira porque o serviço conta com somente um psicodramatista; A segunda porque as conquistas dos pacientes estão acontecendo de forma fecunda, transformando-os.

Dessa maneira, tenho como objetivo geral refletir, dentro da abordagem psicodramática, o que é "uma clínica para a liberdade". E como objetivo específico: refletir sobre a eficiência teórico/metodológica do psicodrama no contexto clínico, a partir de um caso clínico, e verificar as conquistas do processo psicoterápico na perspectiva do tema liberdade.

O "Para que" deste trabalho é contribuir com o desenvolvimento do psicodrama como ciência, como ferramenta de tratamento no contexto psicoterápico, disponibilizando a minha contribuição prático/teórica, a futuros psicodramatistas e outros pesquisadores que vierem a se interessar pelo tema.

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como o desenrolar deste processo psicoterápico teve como eixo central a busca pela liberdade, a partir do sentimento de aprisionamento, um aprisionamento subjetivo, sem grades, não concreto, abstrato, esta fundamentação teórica promoverá uma reflexão para a pergunta: O que é liberdade afinal?

Dividimo-los em quatro partes. A primeira parte discorre sobre o tema liberdade dentro do campo ético filosófico, destacando os defensores da liberdade na transcendência, de um lado, e os defensores da liberdade na imanência, de outro. A segunda parte contextualiza a vida e obra de Jacob Levy Moreno. A terceira parte discorre sobre o tema liberdade do ponto de vista psicodramático de autores pós morenianos que contribuíram com o tema, e a quarta parte da visibilidade para os conceitos que nomeamos como fundantes para esta monografia.

Nosso propósito neste capítulo é dar uma ideia da diversidade e profundidade das concepções sobre o tema liberdade e também enriquecer a discussão do caso clínico apresentado.

2.1 O que é liberdade?

Neste capítulo, estamos interessados em discutir o conceito de liberdade em seu sentido filosófico e psicológico mais do que no sentido político e jurídico. Traremos as concepções de alguns dos principais pensadores sobre o tema. Dividiremos este capítulo em duas partes. A primeira intitulada "A liberdade para o time dos filósofos da transcendência", trará a concepção dos pensadores dualistas e racionalistas. E a segunda parte "A liberdade para o time dos filósofos da imanência", que trará a concepção de pensadores materialistas e existencialistas.

2.1.1 A liberdade para o time dos filósofos da transcendência

Um pensamento fundado na crença transcendente designa algo que pertence à outra natureza, que é exterior, que é de ordem superior. Que está além do conhecimento, além da possibilidade da experiência, que é exterior ao mundo da experiência. Nas concepções teístas, p.

ex.: Deus é transcendente ao mundo criado e com isto, todos os desdobramentos enraizados na lógica judaico-cristã são passíveis de acontecer: o senhor, o escravo e as devidas culpabilidades e falta de coresponsabilidade pelas situações vivenciadas. O pensamento transcendente também designa categorias mais gerais que transcenderiam as categorias aristotélicas como substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, estado, hábito, ação e paixão. As categorias transcendentais seriam assim o ser, o verdadeiro, o bem e o belo, caracterizando tudo aquilo que é, sendo no fundo aspectos da mesma coisa, o Ser. (JAPIASSÚ, 2008).

Assim além de Platão, dos filósofos Cristãos e de Descartes, enquadramos aqui a filosofia moral kantiana, que segundo Nietzsche também é um pensador transcendente e torna-se necessário explicar os motivos.

Segundo Andrade (2010), as exigências feitas por Kant para que uma moral fosse inscrita num patamar de universalidade, e, portanto fosse legítima, coincidem, para Nietzsche, com os preceitos de uma religião que guarda uma prévia compreensão da natureza do homem e tenta, com um controle total das paixões, homogeneizar os homens. Nessa perspectiva, a exigência kantiana para atribuir o predicado de moral a uma ação configura-se como um pacto tácito com a tradição cristã que eleva o instinto de sobrevivência ao patamar moral.

As condições semânticas do imperativo categórico¹ confundem-se com as exigências do cristianismo sob as quais o povo já se encontra. A moral cristã é *dada* na sociedade e convém fundamentá-la, ainda que por meio da eliminação de alguns de seus aspectos. A promoção do discurso cristão e da sociedade de forma geral ao patamar de moral universal é a marca da moral kantiana que se esquiva de discutir os valores sociais, e os toma dogmaticamente como certos. (ANDRADE, 2010). Assim, a primeira crítica a Kant é à sua sujeição à moral cristã, que no sistema kantiano se transforma numa forma de massificação do homem que se vê obrigado a agir de modo uniforme, como rebanho.

¹ **Imperativo Categórico** é uma das ideias centrais para a adequada compreensão da moralidade e da eticidade. O imperativo categórico é enunciado por Kant com três diferentes fórmulas:

Lei Universal: "Age como se a máxima de tua ação devesse tornar-se, através da tua vontade, uma lei universal."

Fim em si mesmo: "Age de tal forma que uses a humanidade, tanto na tua pessoa, como na pessoa de qualquer outro, sempre e ao mesmo tempo como fim e nunca simplesmente como meio".

Legislador Universal: "Age de tal maneira que tua vontade possa encarar a si mesma, ao mesmo tempo, como um legislador universal através de suas máximas."

Ainda segundo Andrade (2010) em consonância com essas observações, Nietzsche apresenta uma crítica que parece ser ainda mais radical porque põe em questão a instituição de qualquer moral: o pressuposto para a predicação do termo *moral* a uma ação já é moral. Para Nietzsche não existem fenômenos morais, apenas uma interpretação moral dos fenômenos.

Para preservar a indelével dimensão hermenêutica da moral, Nietzsche tece uma crítica a Kant apontando que a moral, ciosa de uma verdade eterna – um critério claro e absoluto de definir uma ação enquanto ação moral –, esquece-se do terreno do qual ela surge. Nesses casos, toma-se a moral como um *dado* e tenta-se fundamentá-la numa indumentária metafísica. A moral kantiana incorre na contradição presente em todos os sistemas morais: a falta de discussão sobre o valor dos valores morais. Tecer um discurso que predique as qualidades de *bem* ou *mal* às nossas ações é já estar de posse do que designam essas qualidades. Assim, mesmo que concedêssemos a Kant a possibilidade de eventualmente agirmos de forma desinteressada, isso não significa que essa ação, por si mesma, tenha um caráter moral. Para tanto, é necessário tomar, previamente, o desinteresse como um dos critérios para definir a moralidade de uma ação. (ANDRADE, 2010).

Ainda que Kant com sua moral, diríamos, desinteressada, pudesse reclamar que o desinteresse não expressa nenhum valor moral preexistente, por não se comprometer com nenhum valor moral específico nem com o cristianismo cujas ações estão subordinadas aos mandamentos cristãos (heteronomia), isso não o isenta da postura dogmática de tomar o desinteresse como um *dado moral*. O desinteresse, apregoado pela moral kantiana, termina por levar Kant a abdicar da terra, da cultura, dos homens, para procurar uma justificação para a ação moral no solo abstrato da metafísica. (ANDRADE, 2010).

O preço de tomar o desinteresse como critério para a ação moral foi reavivar a metafísica, foi remeter a ação moral para o âmbito do transcendente, salvaguardando-a da contingência histórica e psicológica por meio de um apelo à metafísica. O minimalismo moral de Kant, que evita os interesses presentes em todas as morais heterônomas, para proclamar a autonomia como base da moral é demasiado metafísico para os seres humanos. (ANDRADE, 2010).

O sucesso de Kant é, para Nietzsche, um *sucesso de teólogo*; pois Kant estaria mais preocupado em conservar-se por meio da implementação do sentimento de culpa entre os *fracos*

– imobilizados por seu sentimento de impotência por não ter tal virtude metafísica e, por conseguinte, inofensivos – que propriamente por prover a moral de uma compreensão mais aguda de sua origem. Em Kant, a moral reforça seu caráter dogmático porque renuncia à procura por suas origens para confinar-se nos valores *dados*, assumindo-os como válidos por uma espécie de decreto, por assim dizer, divino. (ANDRADE, 2010).

Assim baseando-nos na crítica de Nietzsche à filosofia moral de Kant, ao racionalismo como instrumento da verdade, e sua moral universal, também o enquadraremos neste trabalho no grupo dos pensadores da transcendência.

Começamos, dentre os pensadores escalados para este time, com o grande "crack", o principal, e que tem grande influência sobre os demais. Ele é Platão. Platão é um pensador dualista. Para ele o mundo e o homem são dois. (TREVIZAN & NETA, 2010).

O mundo é dois porque existe "dentro e fora da caverna"², mundo sensível e mundo das ideias. O mundo sensível, que conhecemos através dos cinco sentidos, é um mundo imperfeito e falho, uma mera sombra do real mundo das idéias. O mundo das idéias é muito superior ao mundo sensível. O mundo que sentimos é somente uma cópia apagada do mundo das idéias pois as idéias são únicas e imutáveis e as coisas do mundo sensível estão constantemente mudando. (TREVIZAN & NETA, 2010).

Já o homem, é dois, porque é corpo e alma. Um corpo dotado de desejo e uma alma imaterial aprisionada por esse corpo desde o nascimento do homem. Uma alma que tem por finalidade pensar. A alma é a instância que articula que argumenta que inova que cria a própria existência. Ela não está submetida aos afetos e deliberações do corpo, pois ela é soberana e autônoma, portanto na perspectiva de Platão é perfeitamente possível que o corpo deseje "A", e a alma delibere "B", pois a alma não é matéria e não se inscreve nos nexos de causalidade material. Então para Platão a liberdade é um desafio ético, ligado ao domínio de si mesmo, a partir do qual a conduta moral deveria se originar do interior do próprio homem e não advir de uma força externa, devendo o mesmo se livrar dos apetites e paixões. (TREVIZAN & NETA, 2010).

² A alegoria da caverna se encontra no livro VII da República, de Platão.

Acompanhando o pensamento de Platão, temos os filósofos da Idade média. Trevizan & Neta, (2010), afirmam que durante a idade medieval, a influência católica permeou o conceito, sobressaindo-se o pensamento de Santo Agostinho que diz:

“... na medida em que o homem possui o livre arbítrio pode distanciar-se do bem, e reconhecê-lo, pode dar ensejo à tentativa do homem de se igualar a Deus.”(p. 111).

Também na idade média se destaca as concepções de alguns pensadores influenciados pela filosofia de Aristóteles sobre os “apetites racionais” envolvidos na vontade livre, destacando-se Tomás de Aquino que pensava que a natureza humana nos determina a intencional certos fins que são ordenados à meta mais comum da bondade. A liberdade entraria em cena quando consideramos vários significados para esses fins, nenhum dos quais aparecem para nós como irrestritamente bons ou como os únicos a satisfazerem o fim que desejamos atingir. (O’CONNOR, 2005, apud COSTA, 2008).

O pai da filosofia da idade Média, o filósofo racionalista René Descartes, século XVI, também traz a separação entre mente e corpo. Assim diz Costa (2008),

"Descartes, ao realizar uma introspecção sobre a mente humana, dá uma grande ênfase à razão e propõe que existe uma separação entre mente e corpo. Para ele a mente é imaterial e não está sujeita às leis do mundo físico, ao contrário do corpo, que é matéria sujeita às leis da causalidade e à morte." (p. 30).

Descartes propõe a dúvida metódica, duvidando de tudo, a começar pelos sentidos, mas também das quimeras, das livres associações de ideias, e das verdades matemáticas, pois essas falam muito mais sobre nós do que sobre o mundo que precisamos conhecer. (BARROS FILHO & POMPEU, 2013).

Segundo Cunha (2011), foi em Descartes no século XVII da nossa era, que o conceito de liberdade ganha maior relevância. Para o citado filósofo, o próprio conhecimento se equiparava à liberdade, uma vez instituído o livre-arbítrio como sinônimo de liberdade: o livre-arbítrio se entende a partir da autonomia do homem moderno. Assim diz a autora:

“Descartes cunha como princípio do seu sistema de pensamento o Cogito que se enuncia do seguinte modo: ‘Penso, logo existo’. A partir da subjetividade do sujeito cartesiano, do indivíduo, é que o mundo e os outros seres são confirmados, sendo o seu método, a ‘dúvida metódica’. Quando o homem se torna autônomo, tem livre-arbítrio, isto é, é árbitro de si mesmo, trabalha, e pode manipular o mundo dos objetos, transformando-o.” (p. 94).

Na filosofia cartesiana quem duvida é a mente e não o corpo. O corpo conhecemos pelos sentidos do qual duvidamos. O corpo Descartes chama de substância duvidante (*res cogitans*) e a mente de substância extensa (*res extensa*), portanto substância duvidante e substância extensa são autônomas e separadas. Ora, diria Descartes, graças a isso existe a liberdade, pois se quem pensasse fosse o corpo, o pensamento estaria "contaminado" pela matéria, mas como quem pensa não é o corpo e somos uma substância pensante, somos livres para pensar. (BARROS FILHO & POMPEU, 2013).

Assim para Descartes, age com mais liberdade quem melhor compreende as alternativas que precedem à escolha. Dessa premissa decorre o silogismo lógico de que quanto mais evidente a veracidade de uma alternativa, maiores chances dela ser escolhida pelo agente. Nesse sentido, a inexistência de acesso à informação afigura-se enquanto óbice a identificação da alternativa com maior grau de veracidade. (CUNHA, 2011).

Outro nome importante no "time dos transcendentistas" é Kant, século XIX. Kant propõe uma barreira, consagrada na filosofia, entre vontade e desejo. O desejo é uma inclinação do corpo em prol de sua satisfação, o desejo é reflexo natural da imperfeição do corpo, pois se este fosse perfeito, não desejaria. Já a vontade é a reflexão racional que o homem faz sobre os seus desejos. A vontade é a deliberação racional para a vida em função deste desejo. (BARROS FILHO & POMPEU, 2013).

Em 1785, KANT publica a *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, onde desenvolve os conceitos de vontade, liberdade, autonomia e moralidade. Ao se referir à vontade afirma:

"Tudo na natureza age segundo leis. Só um ser racional tem a capacidade de agir segundo a representação das leis, isto é, segundo princípios, ou: só ele tem uma vontade." (p. 47).

Segundo Siqueira (2005), para Kant, o homem encontra-se subordinado às leis da natureza, de onde advém o determinismo e, concomitantemente, as leis da liberdade que originam a moral. Esse argumento redundaria no fato de o homem possuir condições de autolegislar-se, bem como de que ele é quem motiva os fenômenos existentes no mundo. Dotado de razão, capta que essa moral, é livre e determinante, e é isso que o diferencia dos animais.

A independência da vontade de motivos empíricos está integralmente relacionada com a fundamentação da moralidade kantiana, em razão da moralidade implicar o conceito de autonomia, pois para Kant todo homem é autônomo. Isso resulta na existência de uma vontade livre de motivos sensíveis. E a partir de então, relaciona-se a ideia de liberdade com a de autonomia. Essa relação é percebida como liberdade referente a direcionamentos desconhecidos pelo homem e como liberdade da faculdade da vontade capaz de permitir a autolegislação. (SIQUEIRA 2005).

Portanto, para Kant, a liberdade é encontrada na razão prática, ou seja, na vontade. A vontade é a própria razão prática. Isso implica afirmar que a liberdade pode ser explicitada a partir do conceito de vontade. Nesse viés, assinala Kant, (2003):

"O conceito de liberdade não pode ter validade como princípio construtivo da razão especulativa, mas unicamente como princípio regulador desta e, em verdade, meramente negativo. Mas no uso prático da razão o conceito de liberdade prova sua realidade através de princípios práticos, que são leis de uma causalidade da razão pura para determinação da escolha, independentemente de quaisquer condições empíricas (as sensibilidade em geral) e revelam uma vontade pura em nós, na qual conceitos e leis morais têm sua fonte." (p. 64).

Pois bem, até aqui procuramos mostrar por Platão, os filósofos Cristãos, Descartes, Kant, "o time dos filósofos da transcendência". Passaremos agora para os autores que questionam a existência do livre arbítrio, propriamente dito.

2.1.2 A liberdade para o time dos filósofos da imanência

Um pensamento fundado na crença da imanência caracteriza a atividade que se encontra no sujeito onde reside, não só, sem dúvida, todo o princípio ou todo o alimento, ou todo o termo do seu desenvolvimento, mas pelo menos um ponto de partida efetivo e um fim real, qualquer que seja, aliás, aquilo que haja entre as extremidades desta expansão e desta reintegração finais. (LALANDE, 1993). A imanência opõe-se à transcendência. É possível, por exemplo, evocar a imanência da ciência, que explica a natureza sem a intervenção de princípios ou agentes que lhe seriam exteriores. Em metafísica, a imanência designa o fato de o Absoluto (que pode ser Deus) pertencer ao próprio mundo. Desse modo, o "panteísmo" de Spinoza afirma a imanência de Deus na natureza. (DUROZOI e ROUSSEL, 1993).

O destaque dentro da tradição filosófica para os pensadores da imanência é dado pelos materialistas, não necessariamente por não tratarem do tema liberdade, mas sim por não acreditarem no livre arbítrio do homem, ou seja, na possibilidade de decidir, escolher em função da própria vontade, isenta de qualquer condicionamento, motivo ou causa determinante. (BARROS FILHO & POMPEU, 2013).

Para os materialistas o homem não é mais dois, (substância pensante e corpo), como falamos antes. O homem é um só. Só corpo. Quem pensa é o corpo. Todo o corpo participa do pensamento e a parte pensante (alma) não tem autonomia sobre o corpo, sendo assim o homem não é mais livre para pensar. O seu pensamento é resultado de suas alegrias, tristezas, frustrações e angústias, ou seja, de coisas que escapam a sua consciência. (BARROS FILHO & POMPEU, 2013).

Para Demócrito, materialista grego pré-socrático, tudo no universo é matéria, e matéria se consiste em átomos e vazio, vazio para que eles possam se movimentar. Então o universo é constituído de átomos e vazio. O nosso corpo, segundo Demócrito, teria átomos mais vocacionados para a atividade intelectual, e átomos mais vocacionados para os movimentos fisiológicos. Os átomos "pensantes" nunca agem sozinhos, mas agem agrupados ao resto do

corpo, de forma que tudo que passa pela nossa cabeça tem a ver com o que sentimos. Assim o pensamento é matéria. (BARROS FILHO & POMPEU, 2013).

Essa perspectiva grega de Demócrito e de outros estóicos³ vai encontrar na filosofia moderna um grande nome, equivalente a Descartes no mundo materialista, se trata de Baruc Spinoza. Para Spinoza o nosso corpo é dotado de uma energia que o mantém de pé. Esta energia Spinoza batizou de *potência de agir*, assim como Demócrito, Spinoza acredita que a potência de agir é resultado do choque entre os átomos. Quando os átomos não se movimentam mais não tem mais energia, mais potência de agir, e morre-se. O movimento dos átomos e a potência de agir é determinada em nosso corpo pelos encontros que nosso corpo mantém com o mundo. Então a nossa vida é uma sucessão ininterrupta de encontros com o mundo. Viver é relacionar-se com o mundo, e quem age sobre o mundo o modifica e transforma. Assim o mundo não seria se não fôssemos como também o mundo não para de nos afetar e nos transformar, por isso somos corpo em fluxo em um mundo em trânsito. (BARROS FILHO & POMPEU, 2013).

Quando o mundo afeta o nosso corpo, afeta a nossa essência de vida, que é a nossa potência de agir, a energia que usamos para viver. É claro que esta energia oscila, nunca permanece a mesma, pois na relação com o mundo temos encontros que nos alegra e entristece. Assim para Spinoza, alegria é a passagem de um corpo menos potente para um corpo mais potente. Passagem determinada pelo encontro que nosso corpo manteve com outro corpo no mundo. Por isso nossa vida se caracteriza por uma luta, uma resistência contra o mundo que entristece, e uma busca pelo mundo que alegra. (GONÇALVES, 2014).

Portanto nessa mecânica material não há espaço para o livre arbítrio, pois o nosso corpo que é matéria faz o que só poderia fazer para proteger a sua potência, quer quando sente, quer quando pensa, pois o pensamento é uma atividade do corpo, como qualquer outra. (GONÇALVES, 2014).

Para Spinoza o homem acredita no livre arbítrio por ignorância, pois tudo que sentimos e pensamos é determinado pelas complexas teias de causalidades de relações materiais que nos banha das quais temos uma ínfima consciência delas, de tal maneira que passamos nosso tempo

³ O estoicismo é uma escola de filosofia helenística fundada em Atenas por Zenão de Cítio no início do século III a.C. Os estoicos ensinavam que as emoções destrutivas resultam de erros de julgamento, e que um sábio, ou pessoa com "perfeição moral e intelectual", não sofreria dessas emoções.

sentindo e pensando sem saber por quê. O mundo nos afeta de forma infinitamente mais completa do que podemos dar conta. O que vai acontecendo conosco vai além da consciência. E para evitar a tristeza de não saber por que vivemos o que vivemos, inventamos o livre arbítrio, como se não fôssemos submetidos a teia de causalidades onde tudo se encontra. (GONÇALVES, 2014).

Spinoza ao unificar corpo e alma como uma expressão da substância divina (natureza) recoloca Deus dentro, saindo da esfera transcendente que Platão inaugura. Ao mesmo tempo ele propõe três gêneros de pensamento ou modos de vida: O primeiro onde há uma ilusão de determinação de fora (causa final), onde os afetos (paixões: alegrias/tristezas) preponderam e aí a ilusão do livre arbítrio, pois o pensamento é determinado pelos efeitos dos encontros (bons e maus), nesse primeiro caso, trata-se apenas de uma repetição pela tradição; Em segunda instância, Spinoza nos fala do conhecimento como crença, trata-se do conhecimento pelo raciocínio, da depuração do logos, que, como tal, nos dá razões a partir de princípios verdadeiros. No segundo gênero há a razão cujos critérios são necessidade e eternidade (fluxo criador), assim a alegria do segundo gênero vem do entendimento que a potência não está fora, mas que é necessário compreender as paixões; e o terceiro gênero é a própria intuição (produção eterna) a pura manifestação da liberdade. A alegria do terceiro gênero vem do movimento, da potência que coincide com a essência. Neste sentido a liberdade é relativa, pois existe um trabalho ativo em direção a ela, no entanto não vem só da consciência, também do inconsciente. (REZENDE, 2006).

Dessa forma, Spinoza desfaz a contradição aparente entre necessidade e liberdade, já que esta não é uma ação de uma vontade que independa do objeto do qual se origina; pelo contrário, pelo fato de estarmos imersos na infinitude dos modos, e sendo também um desses modos, estamos sempre experienciando as mudanças de afetos de nosso ser, nas relações imanentes com os outros modos. (REZENDE, 2006).

Schopenhauer, filósofo alemão, a respeito da liberdade lança a seguinte provocação: se liberdade é fazer o que se quer então primeiro é preciso querer para depois poder ser livre para fazer o que já se quer. Portanto a liberdade para fazer o que se quer pressupõe uma vontade que lhe é condição. Em outras palavras, se eu preciso querer para ser livre, é obvio que não posso ser livre para querer, e assim somos escravos de nossa própria vontade. (BARROS FILHO & POMPEU, 2013).

Para Schopenhauer, a ação humana não é absolutamente livre. Todo o agir humano, bem como todos os fenômenos da natureza, até mesmo suas leis, são níveis de objetivação da vontade. O homem, objeto entre objetos, coisa entre coisas, não possui liberdade de ação porque não é livre para deliberar sobre sua vontade. O homem não escolhe o que deseja, o que quer. Logo, não é livre, é absolutamente determinado a agir segundo sua vontade particular, objetivação da vontade metafísica por trás de todos os eventos naturais. O que parece deliberação é uma ilusão ocasionada pela mera consciência sobre os próprios desejos. (SANTOS, 2010).

Outro pensador materialista importante foi Karl Marx, para ele, não há liberdade sem o mundo material no qual os indivíduos manifestam na prática sua liberdade junto com outras pessoas, em que transformam suas circunstâncias objetivas de modo a criar o mundo objetivo de suas faculdades, sentidos e aptidões. Ou seja, a liberdade humana só pode ser encontrada de fato pelos indivíduos na produção prática das suas próprias condições materiais de existência. (QUINIOU, 2000). E a respeito do livre arbítrio diz:

"(...) para Marx, nada de livre-arbítrio metafísico que faria do homem individual o "criador" das relações sociais, quando ele é a criatura; nada de consciência originária subtraída à vida prática, já que ela é desde logo uma forma e um produto dela, inclusive nas ilusões que tem sobre ela própria; para Marx, também, o homem só pode singularizar-se na e pela sociedade; e é por isso que a oposição do individual e do social é para ele uma oposição falsa; enfim, para Marx, essa visão determinista." (p. 53).

Desse modo, se os indivíduos são privados de suas próprias condições materiais de existência, isto é, se suas condições objetivas de existência são propriedade privada (de outra pessoa, portanto), não há verdadeira liberdade, e a sociedade se divide em proletários e capitalistas. (QUINIOU, 2000).

Outro filósofo importante, e cuja ideias ainda marcam o pensamento contemporâneo é Friedrich Nietzsche. Nietzsche faz uma crítica ao niilismo. E para ele niilismo é diferente do que pensa os demais filósofos que dizem que o niilismo é falta de valores, de crenças e referenciais. Para Nietzsche niilismo é o produto da crença em verdades absolutas, em mundos transcendentais, da crença na imaterialidade. Assim, Nietzsche entende por niilismo a negação do mundo da vida, dos afetos, da matéria, da energia e da potência. Para Nietzsche, Platão, os cristãos, os

comunistas, e todos os demais idealistas, são niilistas. E ele associa o livre arbítrio ao niilismo dizendo que todo aquele que propõe mundos ideais o faz para compensar suas frustrações. Em outras palavras é a inadaptação, o fracasso e o sofrimento do mundo da vida que faz com que o homem busque soluções que transcenda a este mundo do qual se sofre tanto. (BARROS FILHO & POMPEU, 2013).

Para Nietzsche o que caracteriza o mundo da vida é a busca pela vontade de potência, luta por energia e triunfo. E naturalmente para aqueles que perdem recorrentemente nada melhor que outro mundo, o mundo estável, das ideias, um mundo parado, atemporal e justo, o paraíso. (BARROS FILHO & POMPEU, 2013).

Contrariando Platão, Kant e Descartes, para Nietzsche liberdade não é livre-arbítrio, já que a função de arbítrio é normativa, o homem só é livre para praticar o bem, pois se escolher o mal peca, sendo considerado culpado pela ação cometida. Segundo Cunha (2011):

“Para Nietzsche, o homem livre é um criador de novos valores, da força transmutada, da eternidade do tempo.” (p. 100).

Em Assim falou Zaratustra, Nietzsche vem mostrar como a liberdade se concretiza na atividade artística, na capacidade que ela tem de criar novos valores. O homem que afirma o eterno retorno⁴ se liberta de todo idealismo e alcança um estado de leveza de espírito. A liberdade é conquistada quando se entende as nuances do universo e se aprende a conviver com elas. (NIETZSCHE (2008) apud SILVA & AZEREDO 2011).

Nietzsche entende a liberdade como uma afirmação dos valores e encontra na fórmula do amor-fati⁵ a possibilidade de superação do livre arbítrio metafísico. (NIETZSCHE (2008) apud SILVA & AZEREDO 2011). Nesse sentido comunga com Spinoza quando se refere que no terceiro gênero (a intuição), é o lugar do homem na ordem universal, o amor intelectual de Deus (da natureza).

⁴ Eterno retorno é um conceito filosófico formulado por Friedrich Nietzsche indicando que estamos sempre presos a um número limitado de fatos, fatos estes que se repetiram no passado, ocorrem no presente e se repetirão no futuro. Para Deleuze é a lei de um mundo sem ser, sem unidade, sem identidade.

⁵ Amor ao mundo; significa aceitação integral da vida e do destino humano mesmo em seus aspectos mais cruéis e dolorosos - aceitação que só um espírito superior é capaz.

Outro filósofo que consideramos importante para a discussão da liberdade é Bergson. Ele enfatiza, após expor sua concepção de tempo homogêneo, os fundamentos de sua crítica à concepção associacionista que tem por base justamente o tempo espacializado. O filósofo inicia sua análise do problema da liberdade procurando mostrar que tanto os deterministas quanto os adeptos do livre arbítrio se utilizaram do associacionismo e, logo, não conseguiram explicá-la satisfatoriamente porque, ao abordarem as ações livres, se apropriaram de uma concepção equivocada da duração, extraindo as características principais de uma consciência que dura em prol de uma representação dos estados psicológicos no espaço. Todavia, se analisarmos as ações tendo como base a noção de duração, sabe-se que a liberdade não pode ser considerada diante de um tempo homogêneo. Em outras palavras, a liberdade e os problemas relacionados a ela estão ligados a uma consideração errônea da concepção de tempo, o que nos leva a considerar os estados de consciência como homogêneos e separados. (BITTERBIER, 2011).

Bergson mostra as características da multiplicidade da realidade própria à exterioridade, trata-se de abordá-la na dimensão em que se propõe investigar, ou seja, na interioridade. (BITTERBIER, 2011).

"Não cabe espacializá-la, exteriorizá-la, mas sim mostrar que a liberdade é "restituída" à consciência quando extraímos desta conceitos exteriorizantes, quando não confundimos as multiplicidades. Assim, o que a filosofia bergsoniana traz de novo é essa abordagem que desvia o espírito do domínio da exterioridade e volta para o interno: a instância suprema e única jurisdição do filósofo é a experiência interna." (p.411).

Sendo assim, a ação livre se mostra com um retorno à consciência através de um esforço para alcançar-lhe ora superficialmente, ora mais profundamente nos atos realmente livres em que o agir estará impregnado de interioridade. Em poucas palavras, a liberdade se realiza na ação, ou seja, nossa duração se concretiza na ação na medida em que esta última é a expressão maior ou menor da interioridade na realidade exterior. (BITTERBIER, 2011).

Termino a escalação do "time dos filósofos da imanência" com o existencialismo de Kierkegaard e Sartre.

Kierkegaard refere-se à posição psicológica de liberdade como sendo a posição que o homem se apresenta frente a sua indeterminação e respectiva angústia. À tentativa de escapar da mobilização da angústia, Kierkegaard denomina de posição psicológica de *não-liberdade*, na qual o homem tenta a qualquer preço posicionar-se como se ele fosse determinado por algo que transcende seu existir. (FEIJOO, 2011).

Sartre (1997), na obra *O Ser e o Nada*, salienta a concepção existencialista de que a existência precede a essência. Com isso o existencialista quer afirmar que não existe uma ideia de homem antes deste existir, mas ao contrário, primeiro o homem sabe-se existente e num segundo momento busca sua essência, o homem é nada além do que projetar ser.

É justamente no existir antes de se ter uma essência que reside a liberdade humana e, esta liberdade somente cabe ao homem. Entre todos os seres o homem é o único que *existe*, pois os demais seres *são*. Diz Sartre (1997):

"A liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade. Logo, aquilo que chamamos liberdade não pode se diferenciar do ser da "realidade humana"." (p. 68).

Para Cunha (2011), a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre sustenta-se sobre três princípios básicos: O primeiro princípio postula a prioridade da *existência* sobre a *essência*. O segundo princípio diz respeito ao primado da *subjetividade*. E o terceiro, sobre a *liberdade* constitutiva do projeto humano.

A essência humana, segundo o existencialista, encontra-se na resultante dos atos do homem. Sua essência é constituída por meio de sua liberdade, em suas escolhas. O homem está preso a estas escolhas, pois mesmo que escolha não escolher ainda assim está escolhendo. E são por essas escolhas que ele cria seus valores, é na liberdade que está o fundamento destes valores.

Em *O Ser e o Nada*, Sartre expõe as duas categorias da existência, quais sejam, *em-si* e *para-si*. Onde o *em-si* seria o mundo das coisas materiais, dos objetos; tudo aquilo que está *além* do sujeito, que lhe é externo. O *para-si* é o mundo da consciência, por ser auto-reflexiva é que é *ser-para-si*. (CUNHA, 2011).

O homem é forçado a todo instante a optar e fazer escolhas, não podendo desta situação fugir. Todavia, Sartre (1997) afirma que existe um refúgio para a não-escolha, este refúgio é a *má-fé*. Na *má-fé*, o sujeito se abstém de escolher, deixando que outros o façam por ele. Esta recusa da escolha, transferindo-a a outro que não seja ele, deve-se à fuga da angústia que advém com a responsabilidade, daí decorre a expressão *ser-para-outro*. Sartre recusa o conceito freudiano de inconsciente, para o autor de "O Ser e o Nada" o homem, mesmo fugindo de sua liberdade e encerrando-se na *má-fé*, não deixa de conhecer a verdade que busca ocultar, ainda que acredite em sua mentira ele não desconhece os motivos que o levaram a agir desta forma.

Assim na perspectiva existencialista não existe nenhuma natureza humana da qual precisamos ser fiéis. Se o homem se define ele se define pelo que faz, se define pelo como ele existe. Então somos fundamentalmente livres para existir. O homem é a liberdade. (BARROS FILHO & POMPEU, 2013).

Assim com Demócrito, Spinoza, Schopenhauer, Marx, Nietzsche, Bergson e os existencialistas, concluímos essa segunda parte mostrando os pensadores que acreditam em processos da interioridade, causa e efeito das próprias ações - imanência. E após essa explanação superficial finalizamos este capítulo "O que é liberdade?", trazendo alguns dos principais pensadores e conceitos de liberdade. Estamos longe de chegar a uma definição clara e concisa sobre o tema, mas podemos entender, no entanto, que ao longo da história do pensamento diversos pensadores e correntes filosóficas tentaram explicar a liberdade humana, manifestando assim um grande interesse do homem por ela.

2.2 Vida e obra de Moreno

Antes de falarmos da conceito de liberdade no psicodrama, achamos importante, principalmente para os leitores pouco familiarizados com o psicodrama, falar um pouco, da vida e obra de Moreno.

O psicodrama e suas bases teóricas foram criada por Jacob Levy Moreno. Segundo seu biógrafo René F. Marineau (1992), Moreno nasceu em 18 de maio de 1889 na cidade de Bucareste. Era de família judia, originária da península ibérica, radicada na Romênia. Era o

primeiro de uma prole de seis filhos. Ele tinha seis ou sete anos de idade quando sua família se mudou para Viena. Por volta de 1905, a família se muda para Berlin mas Moreno, com 14 anos de idade, permanece em Viena morando com amigos da família. Entrou para a universidade de Viena em 1909 onde estudou Filosofia e Medicina.

Sua paixão pelo teatro vem da infância. Desde criança gostava de reunir amigos para representar, e brincar de Deus. A adolescência em Viena foi a fase mais mística de sua vida. Por volta de 1908, junto com um grupo de amigos, formou um culto chamado a religião do encontro, centrada em criatividade, encontros e anonimato. Ajudavam pobres e refugiados, deixavam crescer a barba e dedicavam um bocadinho de tempo a discutir questões teológicas e filosóficas. Nessa época ia para as praças e reunia as crianças para contar histórias e brincar utilizando jogos que faziam apelo a espontaneidade, e a questionar os valores herdados dos pais e professores. Também realizou um trabalho com um grupo de prostitutas por serem pessoas que eram segregadas do resto da sociedade, não por questões religiosas ou étnicas, mas pelo tipo de ocupação. Moreno desenvolveu um trabalho de grupo em que ele começou a formular seus conceitos de psicoterapia de grupo através da ajuda mútua, do reconhecimento dos direitos como cidadãos, do desenvolvimento de papéis no grupo, da percepção do indivíduo como agente terapêutico do outro. (MARINEAU, 1992).

Após formado em medicina, trabalhou com refugiados de guerra, escreveu ensaios, brochuras e artigos sobre filosofia, das quais se destaca "*O Convite ao Encontro*" da qual destacamos aqui o poema citado na biografia de Moreno escrito por Marineau (1992):

*Mais importante do que a ciência é o que ela produz,
Uma resposta provoca uma centena de perguntas.*

*Mais importante do que a poesia é o que ela produz,
Um poema invoca uma centena de atos heróicos.*

*Mais importante do que o reconhecimento, é o que ele produz,
produz dor e culpa.*

Mais importante do que a procriação é a criança.

*Mais importante do que a evolução da criação
é a evolução do criador.*

Em lugar de passos imperiais, o imperador.

Em lugar de passos criativos, o criador.

Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face.

E quando estiveres perto, arrancarei seus olhos

e os colocarei no lugar dos meus;

arrancarei meus olhos

e os colocarei no lugar dos seus;

Então verei você com os seus olhos

E você me verá com meus olhos.

Então até a coisa comum servirá ao silêncio e

nosso encontro permanecerá meta sem cadeias.

Um lugar indeterminado, num tempo indeterminado.

Uma palavra indeterminada para um Homem indeterminado.

Segundo Marineau (1992) este poema ilustra ideias importantes para Moreno que depois seriam utilizadas no psicodrama como encontro, inversão de papéis, e tele.

Moreno escreveu e publicou anonimamente em 1920, o livro "As Palavras do Pai" onde recupera a ideia de Deus como Criador, pois considera que esta é a única categoria capaz de colocar ordem no caos dos sistemas de valores. Para Moreno, a Divindade na função de Criador é não somente uma extensão de cada ser na forma de sua existência, mas também uma extensão de cada papel que cada ser pode representar em qualquer momento. Deus é a imagem da transcendentalidade, mas habita a todos. A Divindade ultrapassa as religiões. (MORENO, 1920/1992). O conceito de Deus de Moreno se aproxima dos filósofos da imanência pois, trata-se de um Deus imanente à Natureza, diferente do Deus transcendente, personalizado, da tradição judaico-cristã. Tudo se integra e se reintegra, não há uma ação que vise a um fim último predeterminado. Tudo é um fluir natural e constante do qual fazemos parte. (FONSECA, 2014).

Destacou-se também nessa época o Trabalho de Moreno como médico de família, por ser um médico que se importava com seus pacientes e usava uma abordagem original de tratamento chamada por ele de teatro recíproco. Aos poucos vai abandonando a medicina tradicional para reentrar no domínio do teatro. (MARINEAU, 1992). Em primeiro de abril de 1921 realiza o primeiro sociodrama, onde convida as pessoas da plateia a representarem um rei para governar a Áustria, que após a guerra, sofria com a falta de liderança social e política. (MORENO, 1975). A partir daí Moreno, fundou o "stegreiftheater" (teatro da espontaneidade) cujo objetivo era desenvolver a capacidade criadora e a espontaneidade do ser humano. Todas as noites ali se reuniam atores de projeção para representar dramas do cotidiano com intensa participação do público. É quando Moreno começa a desenvolver sua proposta de psicodrama, sociodrama e axiodrama. Ele propõe uma inversão de papéis entre os atores e o público, no qual o público passa a representar seus dramas cotidianos no espaço cênico. Esse espaço é composto pelo palco, o protagonista ou cliente, um diretor ou terapeuta, egos auxiliares e o público ou plateia.

Segundo Mesquita (2000), com o teatro da espontaneidade Moreno descobre a ação terapêutica da dramatização, e através do uso de técnicas como a inversão de papéis, o duplo, o espelho, a concretização da imagem de um sentimento, uma emoção, da interpolação de resistência, entre outras, as pessoas desenvolvem uma nova percepção sobre si mesmas, sobre os outros e sobre o ambiente, permitindo o surgimento do novo, da eventualidade, da resposta nova, uma nova linguagem resignificada. Portanto, para Moreno, o espaço cênico é multidimensional, vivencial pois inclui o verbal, o corporal, gestual, a cultura, o jogo, a imaginação, presentificados no momento, ou seja no aqui e agora.

Em 1925, emigrou para os EUA, onde criou a psicoterapia de grupo, a sociometria e o psicodrama público. Em 1934, Moreno publicou "Who shall survive?", sua obra mais importante. Em 1942, fundou o Instituto Moreno de Nova York e a Sociedade Americana de Psicoterapia de Grupo e Psicodrama. Daí para frente houve uma expansão mundial de suas teorias, para as quais criou um projeto amplo chamado de "Projeto Socionômico". (GONÇALVES et al, 1988).

Moreno morreu em Beacon, em 14 de maio de 1974, aos 85 anos de idade e pediu que em sua sepultura fossem gravadas as seguintes palavras: *Aqui jaz aquele que abriu as portas da Psiquiatria à alegria.*

2.3 A liberdade na teoria psicodramática

É importante esclarecer que a palavra liberdade nunca esteve presente na obra de Moreno e dos pós morenianos como um "conceito", algo que eles buscavam definir, conceber, e caracterizar. Porém a palavra "liberdade" se encontra frequentemente diluída nas obras desses autores para explicar os conceitos da teoria psicodramática. Podemos então perguntar de onde vem o conceito de liberdade de Moreno e dos pós morenianos? A resposta é dada neste capítulo dividido em duas partes: A primeira reflete sobre a liberdade na obra de Jacob Levy Moreno; A segunda reflete sobre a liberdade na obra de alguns psicodramatistas brasileiros, de grande importância no psicodrama.

2.3.1 A liberdade na obra de Moreno

Para Moreno, a liberdade está diretamente ligada com o conceito de espontaneidade e criatividade, e em sua obra ela é frequentemente utilizada como uma característica ou até mesmo sinônimo de espontaneidade e criatividade.

Moreno é favorável à ideia de que a espontaneidade e criatividade é um fator psicológico, ou como ele nomeia: o fator 'e', não é estritamente um fator hereditário, nem estritamente um fator ambiental.

"No atual estado das pesquisas biogenéticas e sociais, parece ser mais estimulante supor que, no âmbito da expressão individual, existe uma área independente entre a hereditariedade e o meio ambiente, influenciada mas não determinada pela hereditariedade (genes) e as forças sociais (tele). O fator 'e' teria a sua localização topográfica nessa área. É uma área de relativa liberdade e independência das determinações biológicas e sociais, uma área em que são formados novos atos combinatórios e permutações, escolhas e decisões, e da qual surge a inventiva e a criatividade humanas."(MORENO, 1959b/1974, p.101)

Moreno (1959b/1974), associa o método psicodramático a um método de liberdade, através do palco que proporciona ao sujeito ou paciente um espaço vivencial que é flexível e multidimensional ao máximo, que o permite encontrar seu equilíbrio:

“No palco ele poderá reencontrá-lo, devido a metodologia da Liberdade - liberdade em relação às tensões insuportáveis e liberdade de experiência e expressão.” (p. 17).

Para Moreno, a liberdade se manifesta na ação livre, espontânea. Moreno preocupou-se muito mais em investigar o sentido da ação e seu valor terapêutico, do que defini-la. (GONÇALVES, et. al., 1988). Porque para o autor,

“a experiência da ação livre, isto é, espontânea, e correspondendo aos verdadeiros anseios do sujeito, permite-lhe recuperar sua melhor condição (incluindo-se os fatores E e T) para a vida criativa.” (p. 75)

Portanto, a pessoa por estar vivenciando uma situação de sua vida real, mas de forma imaginária, encontra-se em liberdade para poder deixar emergir sua espontaneidade e criatividade equivalendo à criação e ao seu desempenho de papéis que correspondem a modelos de sua existência. (GONÇALVES, et al., 1988).

“Com efeito, a convalidação existencial moreniana refere-se à escolha radical de um papel transformador para si mesmo, ou à ação desencadeada a partir desse papel.” (p.75).

Então, segundo essa afirmação, corresponde à ação, o desejo de realização da pessoa naquele momento, pois poderá fazer uso de seu potencial espontâneo e criativo para poder romper com suas conservas culturais.

O livro "O Teatro da Espontaneidade", (MORENO, 1923/2012), começa considerando o que ele chama de metateatro, ou seja, o teatro do teatro: a estrutura arquitetônica, o elenco, além dos conceitos de metazonas e metapraxis, insinuações teóricas que desafiam a uma reflexão mais aprofundada, inclusive a respeito de sua relevância como “práxis”. O conceito de Metazonas inclui: *Objetos belos de primeira ordem* - Emergem por um processo de separação: escultura, pintura; *Objetos belos de segunda ordem* - Emergem por um processo de entrega e separação: autores e compositores; *Objetos belos de terceira ordem* - Emergem por um processo de

compilação consciente e sistemática - Teatro convencional; e os *Objetos belos de quarta ordem* - Emergem por um processo de espontaneidade e criatividade: espírito e material genuínos do si-mesmo se unem.

Os três primeiros objetos, descritos acima, são a metafísica e o quarto a metapraxis. Metafísica é o ponto de vista da coisa que é criada, é o ponto de vista da criatura. A meta praxia é o ponto de vista do criador.

No que se refere à especificidade de sua elaboração na área da filosofia, nos domínios da Teoria Estética, Moreno (1923/2012) define os dois conceitos:

(...) A metafísica consiste em generalizações que se referem a todas as manifestações especiais da existência . Mas os conteúdos da metapraxis são somente os processos criativos. (...) Metapraxis não é uma filosofia dogmática nem crítica; é uma filosofia de criação pura; milhões de mundos imaginários são igualmente possíveis e reais, de valor igual ao mundo no qual vivemos e para o qual foi construída a metafísica. Consiste nas generalizações que se referem a todas as manifestações especiais da não-existência. (...) é a vida da imaginação e da criação, a produção de entidades pessoais infinitas.” (p. 58-59)

Para Moreno é na metapraxis que obtemos uma resposta adequada para a pergunta da liberdade da vontade:

"A metapraxis é o lugar no qual nossa eterna pergunta a respeito da liberdade da vontade, obtém uma resposta adequada."(p. 60)

Ainda na relação direta entre espontaneidade e liberdade, Moreno enfoca a importância maior da espontaneidade sobre a harmonia, e que a técnica deve servir a liberdade, e não a hábitos, fazendo do ator um escravo da própria memória, preso em sua própria conserva de ator:

“A espontaneidade nunca deve ser sacrificada em nome da harmonia; as regras para posicionamentos e movimentos devem ter um objetivo apenas – o de ampliar o espectro de espontaneidade do conjunto de atores.” (p.96).

De modo que:

“A memória do ator precisa ser treinada de tal forma que ele tenha uma “reserva de liberdade”, disponha de um repertório de movimentos, o maior possível, o que lhes permite ter muitas reações alternativas a disposição, podendo escolher a que mais se ajusta à situação que ele estiver enfrentando. (...) Por meio de exercícios de espontaneidade, ele deve aprender a livrar-se gradativamente de soluções habituais.” (p. 101).

Moreno (1959b/1974), fala do teatro terapêutico como um reino de liberdade, onde ilusão e realidade (o ser) se fundem:

“A representação espontânea de papéis dá a “prova metaprática” de um reino de liberdade, em que a ilusão é estritamente separada da realidade. Mas existe um teatro em que a realidade ou o ser são demonstrados através da ilusão, em que se restaura a unidade original entre as duas metazonas - mediante um processo de auto-reflexão humorística; no teatro terapêutico, realidade e ilusão são uma só coisa.” (p. 76).

Moreno descobre no teatro da espontaneidade e posteriormente cria o psicodrama, como método para alcançar a liberdade:

“Obtém-se, a respeito de nossa própria vida, a respeito de tudo o que fizemos e fazemos,- a experiência da verdadeira liberdade, a liberdade em relação à nossa própria natureza.” (p. 78).

Diferentemente de Aristóteles, Moreno (1959b/1974), utiliza-se do teatro e da cartase para a produção e libertação dos personagens e da plateia:

“(...) Aristóteles apresentou em sua Poética: “A tarefa da tragédia é produzir (nos espectadores), mediante o temor e a piedade, uma libertação de tais emoções.” (...) Ele procurou derivar o significado do teatro do efeito exercido por um produto acabado sobre as pessoas, durante a sua representação. Os fundamentos em que esse livro baseia a sua análise do teatro não constituem um produto acabado mas a realização espontânea e simultânea de uma obra poética, dramática, em seu processo de desenvolvimento desde o seu status nascendi em diante, passo a passo. E, de acordo com essa análise, tem lugar a catarse não só no público - efeito secundário desejado - e não só nas dramatis personae de uma produção imaginária mas, primordialmente, nos

atores espontâneos do drama que produzem os personagens libertando-se deles ao mesmo tempo.” (p. 78).

Do ponto de vista conceitual encontramos afinidades, e divergências entre o existencialismo e o psicodrama. Por exemplo, Kierkegaard dizia que o homem acreditava que Deus o havia criado, mas de fato era o ser humano que ‘criava’ Deus. Como todos os filósofos existencialistas acreditavam na condição de liberdade do ser humano e na situação de construir o sentido de sua existência. Entretanto, para Moreno o indivíduo não cria Deus, ele é Deus. Isso lhe valeu vários mal entendidos ao longo de sua vida pois, como ele próprio explica, Deus enquanto possibilidades infinitas, potencialidade de criar seu ambiente, sua linguagem e criar-se no mundo na relação com o outro. Há certamente algo de bergsonianos na noção de tempo e espaço em Moreno. O espaço cênico é o espaço das multiplicidades, das infinitas possibilidades, onde o tempo são todos os tempos. Presente, passado e futuro na intensidade do Momento. (MESQUITA, 2000).

Outra questão é a da liberdade: para Moreno o ser humano está sempre num movimento de conquistar, construir sua liberdade e o psicodrama apenas o ajuda a fazer isso, a lidar com as tensões entre as conservas culturais, ou seja, as tradições da cultura (mitos, crenças, hábitos de linguagem), repetitivas e massificantes, que atrapalham o movimento da espontaneidade enquanto prontidão, para o ato, vontade de ser livre, e criatividade enquanto ação no mundo e sobre si mesmo através do olhar (o encontro, o compartilhar) do outro que dá a dimensão do social, do cultural, do compartilhado, do contextualizado.

Por fim, para Moreno, o ser humano vai além de construir sentidos para sua existência, pois vai construindo o seu existir. Não há a preocupação com a interpretação, mas sim com o fazer e o pensar sobre o que foi ou está sendo feito. No “como” do aqui e agora, mais do que no “porque” do passado. (MESQUITA, 2000).

2.3.2 A liberdade nos pós morenianos

Na obra de Moreno o conceito liberdade não aparece com muita clareza pois está atrelado ao conceito de espontaneidade e criatividade. Já nos pós morenianos o conceito de liberdade

segue o "leito de rio" criado por Moreno se avolumando e expandindo ricamente em livros e artigos de destaque no psicodrama brasileiro.

No livro "Psicoterapia Aberta", (ALMEIDA, 2006) fala da importância do tema liberdade como conceito básico das psicoterapias, e seus níveis de compreensão.

"Três são os diferentes níveis em que a liberdade pode ser entendida, conforme registra Corbisier (Filósofo brasileiro falecido no ano de 2005):

a) na linguagem cotidiana (a liberdade como característica do comportamento livre);

b) na reflexão moral e política (a liberdade como norma, valor, ideal);

c) na indagação filosófica (a liberdade como modalidade fundamental do ser). (p.65).

No entanto, vai além desses três níveis, vincula liberdade como modalidade fundamental do ser:

"Acreditando na profunda vinculação desses três níveis, aqui abordo, no entanto, a liberdade como modalidade fundamental do ser, em sua subjetividade, compondo a "natureza interna" do ser humano, resultante de fatores biológicos, afetivos e intelectivos, compondo o conteúdo da personalidade e, em termos morenianos, dos papéis sociais ou psicodramáticos a serem desempenhados pelo sujeito." (p. 65).

Almeida (2006) refletindo com Sartre no conceito de "homem condenado a ser livre", relaciona a espontaneidade e criatividade à liberdade ontológica:

"Acredito que espontaneidade e criatividade, fenômenos primários e positivos, como propõe Moreno, desvinculados da libido ou de qualquer outro impulso animal, possam estar no mesmo nível de importância da liberdade ontológica, com ela confundir-se, ou, quando menos, ser dela um aspecto importante." (p.65).

E continua...

“A liberdade é a espontaneidade do surto vital que, a cada momento de sua duração presente, integra toda a realidade psicológica do sujeito”, é como se nos apresenta uma assertiva de Bergson.

Em resumo, essa espontaneidade moreniana se assemelha bastante a liberdade bergsoniana se pretende que surja a expressão mais original de cada um.” (p.78)

Almeida (2006) enfatiza o que Moreno dizia a respeito da Espontaneidade:

“Espontaneidade para Moreno também é ato livre, por livre vontade.” (p. 66)

Assim...

“A busca da liberdade/espontaneidade não deve ser confundida ainda com a liberação de exigências instintivas, mesmo porque estas deverão atender a aspectos culturais e morais de cada indivíduo e do cada sociedade. (...) O indivíduo é responsável por tudo quanto fizer e sua liberdade devera respeitar a liberdade do outro. Até os atos inconscientes são da responsabilidade do sujeito.” (p. 66).

Almeida (2006), relaciona o exercício da liberdade como sinônimo de saúde mental ao afirmar que:

“A liberdade/espontaneidade, por sua vez, amplia a possibilidade de mediação da consciência, permitindo a pessoa “ser ela mesma”, que é viver no mundo social sem assumir o ônus das convenções que ele impõe com desrazão, respeitados os direitos do outro e o interes se coletivo de significado maior. A liberdade do indivíduo e a coesão do grupo social terão sempre de encontrar caminhos conciliadores. “Ser ela mesma” também é afirmação do espaço psicológico, a conquista de direitos, o exercício da criatividade.” (p. 66, 67).

Em *“O psicodramaturgo”*, (AGUIAR NETO, 1990), o autor reforça aquilo que na obra Moreniana não é claramente exposto a respeito da liberdade:

“A espontaneidade se constitui, sem dúvida, numa espécie de alma-gêmea da liberdade. (...) O homem que não encontrou sua liberdade, subordinando-se

impotente e inerte, às forças externas que o determinam, é o homem amarrado, travado, repetitivo: não espontâneo." (p.143).

Em outra obra "Teatro da Anarquia" (AGUIAR NETO, 1992), apresenta o caráter pedagógico e político do psicodrama, se tratando de um tipo de educação que *“recusa o papel de agente do controle social”*. Promove a *“educação potencializadora dos espaços de liberdade”*, permitindo que indivíduos e grupos adquiram identidade, deixando de ser *“massa manipulada”*, consumidora de produtos e ideias pré-fabricadas.

"O psicodrama oferece uma terapêutica para a quebra dos grilhões que são as conservas culturais e os postulados ideológicos, possibilitando o desenvolvimento da espontaneidade e um compromisso com a solução criativa de cada ato. Enfim, o que importa é “superar o individualismo pela busca da solidariedade tética”. É aí que educação e psicoterapia podem se confundir num projeto único, que Moreno denominou de projeto socionômico.” (RAMALHO, 2010, p. 131)

Perazzo (1999), no livro *"Fragmentos de um olhar psicodramático"* reflete sobre a proximidade entre o conceito de espontaneidade de Moreno e liberdade de Reich, tendo em comum nessas duas teorias a influência de Bergson, porém as diferencia quanto a abordagem corporal.

“A compreensão psicodramática do desencapsulamento” de um papel imaginário e nunca atuado, conservado, portanto, dentro do indivíduo e que se transforma num papel psicodramático no cenário do psicodrama, numa explosão de espontaneidade-criatividade, tendo o corpo como instrumento mediador, supõe, na compreensão da teoria da cena, o aprisionamento transferencial (no sentido psicodramático) de uma cena ou cenas a determinado vínculo residual à espera de um status nascendi de um movimento relacional novo que a ação dramática propicia.

“Tal compreensão talvez guarde alguma semelhança com a dissolução de uma couraça corporal capaz de liberar uma energia que passa a ser utilizada de uma forma nova.” (p. 60).

Para Ramalho (2010), a teoria psicodramática pertence as abordagens fenomenológico-existenciais que busca o desenvolvimento da intuição, da liberdade e da sensibilidade; não se

utilizam enquadramentos diagnósticos psicopatológicos. Vê-se o neurótico como alguém que ainda não encontrou seu caminho de crescimento, ou seja, que se submeteu às conservas culturais, cristalizou papéis e deixou de ser espontâneo criativo, perdeu o sentido da sua vida.

"Enfim, para o psicodrama, o neurótico tem dificuldade de viver o aqui - e - agora, o momento, pois falsifica o fluxo das suas vivências. Os existencialistas e psicodramatistas concebem o homem como um ser inacabado, em eterno devir."

Enfim, as terapias vivenciais de base fenomenológico-existencial, têm como objetivo fazer com que o indivíduo possa resgatar a liberdade de poder utilizar suas próprias capacidades para existir, para reaprender a utilizar a sua liberdade de forma responsável, para ser o que ele escolher ser no momento, responsabilizando-se. Ainda segundo Ramalho (2010):

"Para recuperar a saúde da espontaneidade é fundamental um resgate da flexibilidade, da liberdade, do poder e da criatividade. É tornar esse sujeito capaz de reagir, liberando-o dos sentimentos de resignação e impotência impostos pelas conservas." (p.68).

2.4 Conceitos fundantes desta monografia

Destacamos aqui os principais conceitos teóricos do psicodrama que embasam a compreensão deste caso, a saber: Espontaneidade, criatividade e conserva cultural; tele, coconsciente e coinconsciente; teoria de papéis, cacho de papéis; matriz de identidade; conjunto transferencial; construção da identidade.

2.4.1 Espontaneidade, criatividade e conserva cultural

O conceito chave da teoria psicodramática é o de espontaneidade e criatividade e a respeito dele falaremos agora. Para Moreno a espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade constituem-se recursos potenciais e inerentes a todo homem desde que nasce e vive na face da terra. Essas condições favorecem o desenvolvimento do potencial criativo do ser humano voltado para a criação e para a vida. No entanto, na maioria das vezes, essas condições favoráveis são

prejudicadas por “ambientes” e “sistemas sociais” que acabam por impedir o desenvolvimento humano em sua plenitude, então, é necessário ao homem recuperar seu potencial criativo e espontâneo. (GONÇALVES et. al. 1988).

O ato criador remete ao ato de nascer de uma pessoa, segundo Moreno *apud* (GONÇALVES et al, 1988) ele não se constitui em um evento traumático, em que o indivíduo não pode participar ativamente, considera o recém-nascido como um agente participante, desde a sua primeira entrada na cena da vida social. Denominou de espontaneidade ou “*fator E*” à capacidade de o nascituro responder adequadamente à situação, ou seja, à qualidade da participação do nascituro no seu processo de nascimento.

“Espontaneidade (latim – sua sponte = do interior para o exterior) é a resposta adequada a uma nova situação ou a nova resposta a uma situação antiga. Através do “teste de espontaneidade” pode-se observar e medir o grau de adequação e de originalidade.” (MORENO, 1959b/1974, p.58).

Moreno (1946/1975), afirma que todo resultado do ato criativo do homem na sociedade pode cristalizar-se como *conserva cultural*. Este é outro conceito importante na visão moreniana, pois na conserva cultural compreendem-se todos os objetos materiais incluindo-se obras de arte, comportamentos, usos e costumes, que se mantêm idênticos, em uma dada cultura.

O homem cessa seu processo criativo na medida em que perde sua espontaneidade porque permanece paralisado, conservando e cultuando tudo o que sua criatividade já produziu. As conservas culturais significam, para Moreno, o ponto de partida e a base da ação para que a criatividade possa se manifestar. (MORENO, 1975).

Assim compreendemos os conceitos de Espontaneidade e de Conserva Cultural como um “continuum”, e não como polos opostos.

2.4.2 Tele, coconsciente e coinconsciente

Para que o homem possa se comunicar é muito importante “o fator Tele”. Moreno *apud* Gonçalves et al.,1988, o define como a capacidade de se perceber de forma objetiva o que ocorre nas situações e o que se passa entre as pessoas.

Para haver o processo de comunicação entre duas pessoas, segundo Moreno, este “fator Tele” está sempre presente e influi sobre a comunicação, pois só nos comunicamos a partir daquilo que somos capazes de perceber. Podemos entender o conceito de tele em Moreno a partir da definição abaixo:

"Tele é definida como um processo emotivo projetado no espaço e no tempo em que podem participar uma, duas ou mais pessoas. É uma experiência de algum fator real na outra pessoa e não uma ficção subjetiva. É, outrossim, uma experiência interpessoal e não o sentimento ou emoção de uma só pessoa. Constitui a base emocional da intuição e da introvisão. Surge dos contatos de pessoa a pessoa e de pessoa a objeto, desde o nível do nascimento em diante, e desenvolve gradualmente o sentido das relações interpessoais. O processo tele é considerado, portanto, o principal fator para determinar-se a posição de um indivíduo no grupo." (MORENO, J. L. IN: CUKIER, 2002, p,317).

Perazzo (2000) faz uma revisão sobre o conceito de tele que aqui sintetizamos neste trecho:

"Tele é um fenômeno da interação, viabilizado entre seres humanos, abrangendo mutualidade, coesão, globalidade vivencial e polimorfismo de desempenho de papéis, incluindo a percepção, mas não se limitando a ela, guardando correlações com posições sociométricas nos átomos sociais, também depende dos processos intrapsíquicos que envolvem qualquer relação, caracterizada principalmente por um movimento de co-criação que constrói, viabiliza e reformula um projeto ou projetos dramáticos através de uma complementaridade de papéis dentro de um campo sociométrico." (p. 129).

Assim sendo, Tele pode ser entendida como um fenômeno da relação onde, em certa medida, esteja ocorrendo co-criação. O Encontro passa a ser, então, uma decorrência de uma vivência co-criativa a partir de uma relação télica. O “fator Tele” é fundamental para a saúde mental nas relações sociais, o Psicodrama tem o papel de reavivar a espontaneidade e a Tele para existir “encontro” possível.

Outro conceito que também consideramos importante para este trabalho são os estados coconsciente e coinconsciente. Segundo Ramalho (2010), coconsciente e coinconsciente, são conceitos desenvolvidos por Moreno ao se referir aos estados consciente e inconsciente. São produzidos e experimentados apenas em conjunto, em grupo. O coinconsciente refere-se aos desejos e fantasias experimentados e reproduzidos conjuntamente por mais de uma pessoa de forma inconsciente; já o coconsciente é a experimentação comum de ideias e sensações de forma consciente. Ambos podem emergir em grupos que vivenciam uma história em comum. No processo psicodramático observamos a emergência de fenômenos do coconsciente e do coinconsciente grupal.

Moreno (1946/1975), destaca duas afirmações acerca do tema. A primeira diz:

“Os estados co-conscientes e co-inconscientes são, por definição, aqueles estados que os parceiros experimentaram e produziram conjuntamente e que, por conseguinte, só podem ser reproduzidos ou representados em conjunto. Um estado co-consciente/co-inconsciente não pode ser propriedade de um indivíduo. É sempre uma propriedade comum e sua representação é impossível sem um esforço combinado”. (p.31).

Na segunda afirmação de Moreno (1959/1983) temos:

“Devemos modificar o significado de inconsciente, procurando por um contraponto, uma espécie de chave musical que seja capaz de relacionar qualquer acontecimento do inconsciente de “A” a cada evento do inconsciente de “B”, ou devemos buscar conceitos construídos de tal modo que a indicação objetiva de sua existência não decorra das resistências de uma psique individual, mas sim, de uma realidade ainda mais profunda na qual estejam entretecidos os inconscientes de diversas pessoas, um co-inconsciente”. (p. 61-63).

Knobel (2010), no artigo *"Em tempo presente: o co-inconsciente"* discute os estados co-conscientes/co-inconscientes na teoria psicodramática.

A respeito da segunda afirmação de Moreno, Knobel afirma:

"Se, metaforicamente, o co-inconsciente se constitui como o contraponto musical, técnica de composição que inclui duas ou mais vozes melódicas que se levam em conta simultaneamente em um diálogo relacional harmônico, nas relações é necessário que haja uma complementaridade funcional entre os estados co-inconscientes dos diferentes participantes do vínculo. Ou seja, todos contribuem para que perigos, medos, segredos, vergonhas, oriundos do passado, mantenham-se invisíveis no presente da relação. Surge um segundo elemento: a impossibilidade dos participantes do vínculo lidarem com esses conteúdos e processos. É por isso que todos os envolvidos aderem organicamente a modos específicos de evasão das realidades familiares, sociais ou culturais, que são sentidas como insuportáveis e ameaçadoras ao EU." (p. 5).

Para ela os conflitos e mandatos co-inconscientes podem aparecer basicamente de duas maneiras nos grupos:

"...como tema de um membro que traz alguma situação de sua história vida, o que é em geral bem aceito pelos demais, ou como um sintoma do grupo, que impede o fluir da comunicação." (p. 6).

Dessa maneira, ao tratarmos a paciente aqui apresentada, propusemos intervenções onde pôde ser visível o coinconsciente familiar

2.4.3 Teoria de papéis e cacho de papéis.

Um dos construtos fundamentais do psicodrama, ligado aos já citados é a teoria dos papéis. Para Moreno, papel é a primeira unidade ordenadora da conduta. É uma fusão de elementos coletivos e individuais. Continua ainda:

"Os papéis e as relações entre os diversos papéis constituem a melhor revelação de uma determinada forma cultural" (MORENO 1959/1983, p. 69).

E Naffat (1997) acrescenta:

“Desde que não nos esqueçamos que estas formas relacionais estão circunscritas a um processo histórico e a uma estrutura social, política e econômica, de que são manifestações necessárias, consolidação do instituído.”
(p. 195).

Os papéis se desenvolvem na vida da criança a partir da matriz de identidade, onde a criança passa a desempenhar papéis fisiológicos/psicossomáticos, psicodramáticos e sociais. Para Moreno (1946/1975), o desempenho dos papéis psicossomáticos delimitarão a área corpo, o desempenho dos papéis psicodramáticos a área psique, e o desempenho dos papéis sociais a área sociedade. Assim, como o "eu" é fruto do desempenho dos papéis, esse "eu" ou identidade traz consigo a articulação entre corpo/psique e sociedade.

Para Naffat Neto (1997) as grandes categorias de papéis são, psicodramáticos, imaginários e sociais, pois os papéis psicodramáticos seriam todos aqueles usados no contexto dramático.

A mãe, ou pessoa que cuida é o primeiro ego-auxiliar e é a partir desse desempenho interativo de papel e contra papel, que o “eu” se desenvolve. Os papéis se transformarão até o resto da vida da pessoa, e sua concepção de saúde mental considera o número, a adequação e a flexibilidade dos papéis características fundamentais. A doença seria uma inadequação no desempenho desses papéis e a impossibilidade de trânsito entre fantasia e realidade.

Em vários momentos de sua obra, Moreno (1946/1975) afirma que o desempenho de papéis é anterior ao surgimento do eu.

“Os papéis não emergem do eu; é o eu que emerge dos papéis.” (p. 25).

Essa afirmativa é muito importante na proposta psicodramática, pois se considerarmos o eu aqui citado como plano essencial que dá unidade estrutural à pessoa, podemos interpretar que o autor compreende que ela não é uma unidade dada *a priori*, mas a posteriori à ação da pessoa no mundo (no desempenho dos papéis sociais, psicológicos e fisiológicos). Diríamos que nessa medida Moreno estaria mais próximo filosófico metodologicamente da afirmativa sartriana de que a existência precede a essência.

Outro aspecto relevante sobre os papéis é o que se refere aos chamados cachos de papéis, também conhecido como agrupamento de papéis ou ainda clusters. Moreno menciona o conceito de clusters, mas é o psiquiatra argentino Dalmiro Bustos quem desenvolve a teoria dos clusters.

Segundo Bustos (1990, p. 104), os papéis se agrupam segundo sua dinâmica, configurando clusters ou agrupamento de papéis. O primeiro dos agrupamentos depende do complementar materno, que é responsável por funções de incorporação e dependência; o segundo agrupamento depende do complementar paterno e gera a matriz dos papéis ativos. O terceiro deles determina as relações de paridade, ou seja, representam as relações com os pares, tais como irmãos, companheiros, etc.

O autor diz ainda que os dois primeiros clusters são considerados papéis primários e, por natureza, são assimétricos. A simetria só se evidencia com o terceiro cluster, ou seja, quando a paridade aparece na forma de irmãos ou companheiros de brincadeiras. Com a aparição do terceiro tipo de dinâmica fica definitivamente configurado o esquema básico de papéis: passivo, ativo e interativo.

"As três dinâmicas são possibilidades alternativas no desempenho de todos os papéis." (BUSTOS, 1990, p. 104).

Em síntese, o cluster um está relacionado aos papéis mais passivos; o cluster dois aos papéis mais ativos, e o cluster três refere-se aos papéis interativos, que são os mais simétricos. Conhecer essa teoria dos clusters é importante, pois fica cada vez mais evidente que as pessoas agem e reagem de maneira diferente umas das outras, e que, apesar de haver um movimento dinâmico no comportamento das pessoas em relação aos três clusters, há sempre um que predomina e que influencia diretamente o comportamento manifesto de cada uma delas.

2.4.4 Matriz de identidade e construção da identidade

O conceito de Matriz de Identidade, segundo Moreno (1946/1975), lança os alicerces do primeiro processo de aprendizagem emocional da criança. Segundo Gonçalves, et al. (1988), o bebê ao nascer, em verdade ocupa dois espaços: o espaço físico sob o teto daqueles que cuidam dele e o recebem, (podendo ser mãe, pai, ama, instituição, etc.) e ocupa também o espaço

denominado virtual que é compreendido pelas determinações dispostas pelas condições iniciais para seu desenvolvimento. Esse espaço virtual pré-determinado é constituído pelas expectativas das pessoas que conviverão com o bebê em relação ao papel que ele irá desempenhar, nos vários grupos sociais aos quais pertencerá, exemplo: família, escola, profissão, religião, etc. Dessa maneira, o bebê ocupará um lugar que é o desejo/expectativa dos familiares nesta matriz de identidade.

Nesse ambiente compreendido por fatores materiais, sociais e psicológicos é que a criança desenvolve seu processo de individuação, ou seja ela se reconhece como semelhante às outras pessoas, mas também como um ser único, igual a si mesmo. No momento do nascimento da criança, esse espaço virtual é modificado e se transforma na origem para o processo da definição do indivíduo – a Matriz de identidade. Assim, segundo Gonçalves, et al., 1988,

"A Matriz de identidade, no seu sentido mais amplo, é o lugar do nascimento (locus nascendi). Moreno a definiu também como a placenta social pois, à maneira da placenta, estabelece a comunicação entre a criança e o sistema social da mãe, incluindo aos poucos os que dela são mais próximos." (p. 59).

Ainda segundo Moreno (1946/1975), matriz de identidade

"é a placenta social da criança, locus em que ela mergulha suas raízes"
(p. 175).

Do mesmo modo que o embrião e, posteriormente, o feto se implantam na placenta e dela se nutrem e dependem, o recém-nascido implanta-se no grupo social do qual depende para suas necessidades fisiológicas, psicológicas e sociais. Este grupo habitualmente é a família.

A Matriz de Identidade provê, pois, à criança o alimento físico, psíquico e social. A ela cabe a fundamental tarefa de transmitir a herança cultural do grupo a que pertence o indivíduo e de prepará-lo para sua posterior incorporação na sociedade. Essa matriz se constitui na base que alicerça o primeiro processo de aprendizagem emocional da criança.

A transmissão da herança cultural realiza-se através dos papéis existentes em cada Matriz de Identidade, existindo uma determinada quantidade de papéis que são oferecidos à criança. Esta

aprende tais papéis por intermédio de um processo que é variável no tempo de duração. Tal processo tem como características: a coação, a coexistência e a coexperiência e se desenvolve em etapas. Para Moreno (1946/1975) as etapas são:

"A primeira fase consiste em que a outra pessoa é, formalmente, uma parte da criança, isto é, a completa e espontânea identidade.

A segunda fase consiste em que a criança concentra a sua atenção na outra e estranha parte dela.

A terceira fase consiste em separar a outra parte da continuidade da experiência e deixar de fora todas as demais partes, incluindo ela mesma.

A quarta fase consiste em que a criança situa-se ativamente na outra parte e representa o papel desta.

A quinta fase consiste em que a criança representa o papel da outra parte, a respeito de uma outra pessoa, a qual, por sua vez, representa o seu papel. Com esta fase, completa-se o ato de inversão de identidade. (p. 112)."

Essas cinco fases significam a base psicológica para os processos de desempenho de papéis e também para os fenômenos de imitação, identificação, projeção e transferência. Isto quer dizer que o bebê ao nascer precisa de um ego-auxiliar suficientemente bom (mãe ou outro cuidador), para poder, à partir desta vivência, desenvolver seu processo de organização e construção de sua identidade estrutural.

A construção da identidade é descrita por Mariângela Wechsler (1998, 1999) em dois de seus livros: *"Psicodrama e construtivismo: uma leitura psicopedagógica"* e *"Relações entre afetividade e cognição: de Moreno a Piaget"*, onde ela define a identidade como resultado do processo de construção dos aspectos sócio-afetivo-cognitivo, vividos na Matriz de identidade - a placenta social do sujeito.

Para Wechsler (1999) a estruturação do "Eu", é resultante do desempenho das articulações vivenciadas entre papéis psicossomáticos, imaginários e sociais, se dá de forma espiralada, anunciando que as formas de funcionamento se constroem e se reconstroem em níveis cada vez mais complexos. Dado o momento da atualização da construção de uma estrutura mais complexa (mais ou menos quinze anos), há o movimento contínuo de reorganização dos conteúdos que

formam os papéis, permitindo resignificá-los e abrindo possibilidades para a reconstrução da identidade.

2.4.5 Conjunto transferencial.

Perazzo (2010) em seu livro *"Forro e Avesso"* faz uma renovação teórica e prática do psicodrama, partindo de Moreno, de pós Morenianos, e de sua própria prática como psicodramatista. Propõe uma nova visão da transferência, sob o ponto de vista psicodramático, articulando conceitos desenvolvidos por ele mesmo e por psicodramatistas contemporâneos. Também demonstra, que essa nova articulação contribui para uma maior facilidade de manejo da técnica. Para a sua criação, reúne conceitos, desenvolvidos por autores como Carlos Calvente e seu conceito de personagem conservado, além do estudo sobre a complexidade do conceito de personagem e sua relação com a fantasia e a imaginação; Papel, rótulo e personagem de Naffah Neto; de Moysés Aguiar, o personagem protagonista; o conceito de lógicas afetivas de conduta de Maria da Penha Nery; e de Ângela Baiocchi, a questão do poder simbólico. E ainda, o termo equivalentes transferenciais, de sua autoria, apresentado em seu livro *Ainda e Sempre Psicodrama*, de 1994. A seguir traremos a explicação de cada um dos conceitos:

O conceito de *personagem*, vem contribuir para o estudo de como os vínculos afetivos se formam e se desenvolvem. Calvente (2002) aborda a questão do personagem na psicoterapia psicodramática, definindo suas funções o processo de formação e a sua origem. Os personagens têm sua estrutura determinada pela necessidade de fazer frente à angústia e pelo contexto em que ele foi criado. Assim explica o autor:

"A origem é a fantasia e a imaginação que, modeladas pelas relações, geram personagens mais ou menos expressivos e úteis, que permanecem ou vão sendo abandonados. Aparecem assim personagens recentes ou atuais e outros antiquíssimos, que nos acompanham desde sempre, sem que possamos precisar-lhes a origem. Temos aqueles que se originam em circunstâncias difíceis ou ditosas e são buscados ou rejeitados, que proporcionam companhia e respaldo ou ameaçam." (p. 29).

Existem personagens cuja origem se dá em uma pessoa significativa para um indivíduo, que com o tempo adquire vida própria, ou seja, são incorporados na vida cotidiana desvinculados da pessoa de origem. Por exemplo, características de uma prima muito admirada que foram incorporadas em algum tipo de situação.

Os personagens mais importantes para o trabalho psicodramático, considera Calvente (2002), são aqueles que tiveram seu roteiro escrito por terceiros e que se propagam pelo efeito cacho de papéis. Foram fruto da criatividade no momento em que surgiram, mas ao se tornarem conservados, passam a ser a resposta velha a uma situação nova. Por exemplo, “o que se lamenta”, “o que se comporta bem”, “o sempre alegre”.

"Não são papéis, não são o alegre ou o queixoso, são verdadeiros personagens que se evidenciam em diferentes papéis: no trabalho, entre amigos, na terapia, nos grupos. Estereótipos ancorados no caráter (curiosamente, caráter é a expressão inglesa para designar personagem). São a resposta velha às situações novas, racionalizadas no "eu sou assim". (CALVENTE 2002, p. 31).

Calventi (2002) define a origem do personagem de três formas:

"Assim, quanto à origem, postulo: há o personagem privado, originado na subjetividade, como o amigo invisível, o escritor. Há aquele que tem origem nos vínculos, por exemplo: o que sempre se queixa, o prematuro. E há o que se origina no coletivo social, nos grupos terapêuticos: O homem em busca de sentido; O homem imobilizado pela emoção." (p.31).

Quanto ao contexto, Calvente (2002) destaca o individual, o grupal e o sociodramático.

Os personagens do contexto individual são aqueles de uso íntimo-privado, e servem ao indivíduo como interlocutores, juízes, expressam desejos, medos, timidez e precisam ser tratados com muita delicadeza. Podem aparecer também personagens transferenciais, isto é, relacionados aos vínculos, ou ainda personagens que se evidenciam através do relato de situações com terceiros, como o chefe, a esposa, o colega.

No contexto grupal, diz Calvente (2002), se evidenciam com mais facilidade personagens relacionados aos vínculos, sejam de que esfera for. Assim teremos o desconfiado, o ingênuo, o

manipulador, o louco. Provenientes da dinâmica grupal, encontraremos o líder, o ajudante, o bode expiatório. Um personagem também pode surgir como co-criação do grupo e passa a fazer parte de seu patrimônio cultural.

Já no contexto sociodramático, encontraremos personagens oriundos dos aspectos coletivos do papel, que podem ser definidos pela religião, localização geográfica, profissão e assim por diante. Estes personagens muitas vezes carregam consigo o peso do preconceito, cuja proposta Moreniana é de desmontar esta cristalização para chegar à inversão de papéis.

Considerando o processo de formação, o personagem assumido (equivalente à fase de *role-taking*) apresenta um baixo nível de espontaneidade, que se demonstra a partir do momento em que não consegue dar respostas novas às situações que enfrenta. Segundo Calvente (2002),

“estes são os personagens mais difíceis de acompanhar e de ajudar a mudar. Sua estrutura foi sendo montada com identificações negativas, papéis congelados, desencontros e muita solidão. Um traço que acompanha esses personagens é seu pouco sentido de humor” (p.31).

O personagem representado (equivalente ao *role-playing*) demonstra um maior nível de espontaneidade. É mais elaborado, apresenta um maior nível de segurança em relação ao desempenho do papel, e permite que apareça a pessoa por detrás do personagem. (CALVENTE, 2002).

O personagem criativo (equivalente ao *role-creating*) é o que guarda em si o maior nível de espontaneidade. Pessoa e personagem se confundem. (CALVENTE, 2002)

Personagens, portanto, fazem parte do repertório de uma pessoa, que pode usá-los ou não, com maior ou menor espontaneidade. Aparecem em papéis distintos, com estrutura e roteiros próprios. Podem ser desenvolvidos no sentido de ampliação do grau de espontaneidade, pois são recursos de que se dispõe para fazer frente às diversas situações da vida.

O conceito de *lógica afetiva de conduta* é trazido por Maria da Penha Nery (2003), em seu livro *Vínculo e afetividade – Caminhos das relações humanas*. Para ela a existência humana, (o desempenho dos papéis, os dramas e conflitos), está permeada pela afetividade. Seu estudo

sobre vínculos está fundamentado na afetividade. Defende que, são as marcas afetivas que dão sentido e significado às ações e aos vínculos estabelecidos.

“(…), é inegável que a afetividade é o motor da nossa conduta, direcionamos bem como nos motiva para o desempenho de um papel num contexto e num momento” (p. 19).

Assim, acredita que, o aprendizado emocional nos vínculos, além do aprendizado dos papéis, pode auxiliar a compreender e a liberar o potencial criativo.

O conceito de lógicas afetivas de conduta, é um eficaz recurso para o trabalho terapêutico. A autora é categórica ao afirmar que

“detectar e trabalhar as lógicas afetivas de conduta que compõem o processo co-transferencial favorece a intervenção terapêutica” (NERY, 2003, p. 25).

Explica que, do processo de estabelecimento dos vínculos, resulta uma aprendizagem de lógicas afetivas de conduta. São marcas afetivas que influenciam a cognição e a conduta, vividas em vários níveis de consciência e, derivadas de várias experiências vinculares. Mostram-se através de expressão sintética de algum aprendizado emocional, acompanhada de uma lógica.

Alguns exemplos: “Se eu for rebelde, terei atenção”, “Ficarei calmo, se lavar cinco vezes a mão”, “Conseguirei admiração, se sempre ajudar a todos”. São, portanto,

“(…) as “células-tronco” dos processos co-transferenciais e de co-criação. São uma espécie de molécula psíquica motivacional dos projetos dramáticos, da modalidade vincular afetiva e do desenvolvimento de todos os tipos de papéis” (NERY, 2003, p. 25).

Sobre as lógicas afetivas de conduta, Nery (2003) constatou que:

- Na aprendizagem emocional, as lógicas afetivas participam do processo de internalização dos vínculos, que se compõem da concepção do “eu”, ou a criança interior, do papel complementar interno e da relação entre eles.

- No vínculo, há momentos em que as lógicas afetivas de conduta do papel complementar interno patológico bloqueiam a co-criação, causando angústia e sofrimentos, resultando na complementação patológica de papéis.
- E há momentos em que a internalização do papel complementar desperta lógicas afetivas de conduta liberadoras da espontaneidade-criatividade dos indivíduos e viabilizadoras da inteligência relacional, que é a capacidade das pessoas de, nos vínculos, complementarem papéis que atualizam lógicas afetivas de conduta que favorecem o desenvolvimento psicossocial. Logo favorecem a co-criação.
- As lógicas afetivas de conduta estruturam a conduta conservada, necessária à continuidade da aprendizagem, como também estão relacionadas à construção da subjetividade e à assunção de identidades, resultante de aspectos internalizados dos vínculos, compostos de lógicas afetivas de conduta.
- Nem toda conduta conservada, que se repete, é imobilizadora. Pode, também, favorecer a aprendizagem. Por exemplo, uma pessoa que aprendeu a conduta de ser útil, para conseguir a atenção do outro. Em alguns momentos, numa repetição da conduta conservada, ela será útil para alguém. No entanto, como aprendeu a ser útil, em outros momentos, ao ser naturalmente útil, contribuirá para as relações.

O que torna as lógicas afetivas de conduta eficientes para o trabalho terapêutico, é que elas

“fornecem direcionalidade, intencionalidade e causalidade aos papéis, pois nelas estão contidas as resoluções afetivas que visam alguma homeostase psíquica, (...)” (NERY, 2003, p. 48).

Assim, tornam visíveis as defesas relacionais, exteriorizadas nos vínculos, pelas transferências que se propagam para os papéis sociais, por meio do efeito cacho de papéis. O trabalho psicodramático é sobre a transferência, objetivando favorecer a construção de um novo status nascendi, liberando a espontaneidade-criatividade no vínculo.

Dessa maneira, os papéis que se desenvolvem ao longo do processo de matrização e que se articulam, tem como resultante a identidade do sujeito, aqui denominados por personagens que atravessam os papéis.

Papel, rótulo e personagem: De Naffah Neto, Perazzo destaca o estudo etimológico da palavra papel, “rotulus”, “rôle”, rótulo e o seu exemplo sobre o rótulo de uma garrafa que na medida que o rótulo aumenta, diminui nosso contato com a substância que ele envolve. (NAFFAH NETO, 1979, apud PERAZZO, 2010).

Naffah Neto esclarece a origem de papel ligada ao rolo, no qual eram escritas as falas que o ator deveria decorar para desempenhar o seu papel na peça teatral. Assim, Perazzo (2010) explica que, quanto mais escondido pelas determinações do papel, mais visível fica o personagem que, por sua vez, esconde a pessoa do ator.

Personagem protagonista: Para Perazzo (2010), Aguiar levanta a questão crucial para o entendimento de personagem no contexto psicodramático. A explicação de Aguiar é que o personagem protagonista é a figura central da história e, normalmente, tem um conflito, que pertence ao papel/personagem e não à pessoa do ator. Já no teatro espontâneo psicodramático, é comum que o personagem protagonista seja a pessoa do ator e, nesse caso, o conflito do personagem e o do ator coincidem e se confundem. De qualquer maneira, a definição desse conflito é importante para a construção/reconstrução do personagem. (AGUIAR,1998, apud PERAZZO, 2010).

Aqui Falivene contribui dando continuidade ao conceito, explicitando que personagem protagonista acontece no contexto dramático e diz de um conflito que embora possa ser do representante grupal, é do grupo:

"Protagonista é o elemento do contexto dramático, que surge através de um personagem no desempenho de um papel, e é representante emocional das relações estabelecidas entre os elementos de um grupo, ou entre diretor-cliente, que têm um projeto comum." (ALVES, 1990, p.557).

Equivalentes transferenciais: Conceito desenvolvido pelo próprio Perazzo (2010), diz respeito aos sinais indiretos da transferência, que pode ser um sintoma, um trecho do discurso,

uma postura corporal, um movimento na cena, etc. Esses sinais, ou seja, os equivalentes transferenciais, guiam o diretor na cena psicodramática com o cliente facilitando as possíveis reorganizações.

Poder simbólico: De Ângela Baiocchi, é o exercício do poder simbólico que gravita co-consciente e co-inconscientemente nas relações humanas e, particularmente, no âmago da vida familiar. (BAIOCCHI, 2003, in: PERAZZO, 2010). É o poder simbólico exercido por figuras parentais. Um poder invisível, que parte da cumplicidade entre os que exercem o poder e os que se sujeitam a ele. Quanto à transferência, é preciso detectar qual personagem interno num vínculo primário em seu papel complementar, detém o poder na co-construção de uma transferência em seu status nascendi. (PERAZZO, 2010).

Articulando as produções de Calvente, Nery, Baiocchi e o seu conceito, Perazzo (2010) apresenta o entendimento de que a transferência e seu status nascendi representam um conjunto em que, num vínculo primário, através de uma complementaridade de papéis sociais, se estrutura um personagem conservado pelo poder simbólico atribuído ao outro, tendo como pauta uma lógica afetiva de conduta. Esse personagem conservado migra pelo efeito cacho de papéis para outros papéis sociais, como um comportamento estereotipado, constituindo-se assim como transferência, que pode ser observada por meio de sinais, ou seja, os equivalentes transferenciais. Esses sinais, que podem ser um gesto, uma postura corporal, uma maneira de falar, um certo discurso, um movimento, na cena psicodramática, poderão significar um ponto de partida para a ação dramática, objetivando a pesquisa intrapsíquica. E assim, desvendar a trama oculta do protagonista, desmontar as lógicas afetivas de conduta, desmascarar o poder simbólico, desconstruir o personagem conservado e construir um novo status nascendi relacional.

A propósito, Perazzo (2010) não entende a resolução do conflito do cliente como um rematizar, e sim, como explica acima, a construção de um novo status nascendi relacional, isto é, re-significar. Wechsler (1998,1999) também referenda esta conceituação, sobretudo quando postula que os papéis são transformados e resignificados nos conteúdos, assinalando uma perspectiva relacional entre estrutura e função.

Para clarificar o entendimento teórico e mostrar como a transferência pode ser trabalhada dentro da proposta psicodramática, sistematizo o exemplo apresentado por Perazzo (2010): É

preciso detectar o personagem conservado, por exemplo, “o bonzinho”, em qualquer papel social trazido pelo cliente, por meio de um equivalente transferencial e/ou pelas lógicas afetivas de conduta envolvidas na estruturação desse personagem. Esses sinais guiarão até ao status nascendi dessa transferência em que, por exemplo, frente a uma mãe que detém o poder simbólico, na complementaridade dos papéis sociais filho–mãe, se explicita a lógica afetiva de conduta “se eu for bonzinho serei amado pela minha mãe”.

Lembrando que esse personagem conservado “bonzinho” migrará transferencialmente pelo efeito cacho de papéis para os demais papéis sociais. Um dos valores dessa construção é possibilitar uma melhor compreensão da transferência sob a perspectiva da teoria psicodramática, além de nos obrigar a pensar sempre em personagem, já que dispomos de uma técnica de ação derivada do teatro. (PERAZZO, 2010). Wechsler (1999) nos esclarece que a estrutura personagem “bonzinho” é retroalimentada pela função que ele ocupa e que o contexto dramático será o lugar onde será possível novas reorganizações: novas formas e novos conteúdos.

Outro ponto de relevância, diz respeito a maior facilidade com que se visualiza a transferência, utilizando-a como um ponto de partida dos recursos psicodramáticos. Pode-se partir do personagem conservado, ou das lógicas afetivas de conduta, ou do personagem que detém o poder simbólico, ou ainda, explorar a sua impotência simbólica não visualizada. A transferência assim utilizada como um guia, afirma, também favorece um menor risco de o psicodramatista se perder, nas múltiplas possibilidades que a cena dramática propicia. Ao agrupamento desses conceitos Perazzo (2010) chama de conjunto transferencial, pelo qual é possível chegar a um personagem conservado através dos sinais indiretos da transferência.

"O conjunto transferencial a que me refiro se compõe, no mínimo, dos sinais indiretos da transferência como um todo (equivalentes transferenciais), nas mais diversas relações (complementaridades de papéis sociais diversos), do personagem conservado atuado pelo efeito cacho ou feixe de papéis nos mais diferentes papéis sociais, das lógicas afetivas de conduta que fornecem a pauta de atuação deste personagem conservado e do poder simbólico do personagem que configura o papel complementar nas relações primárias" (p. 4).

Este personagem atua nas mais diversas relações em diferentes papéis sociais pelo efeito cacho de papéis, cuja pauta é fornecida pelas lógicas afetivas de conduta que foram construídas

ao longo de sua vida. Para devolver a espontaneidade ao personagem conservado, faz-se necessário desconstruí-lo, na medida em que o poder simbólico, que configura o papel complementar nas relações primárias, é explicitado e resignificado.

Os vínculos sociométricos se configuram tomando por base papel e contra papel. A partir do momento em que o papel complementar perde seu poder simbólico, o personagem antes conservado ganha mobilidade. No sentido existencial, torna-se livre para escolher e pode assumir novas formas de relação, que vão exigir, naturalmente, diferentes papéis complementares. O setting psicoterápico pode garantir esta nova experimentação.

A lógica afetiva de conduta, representada pelo personagem assumido vai qualificar as relações sociométricas possíveis de serem estabelecidas no grupo pela necessidade de que alguém assuma o papel complementar, modelando o jogo de papéis e a funcionalidade grupal.

Dessa maneira vimos na fundamentação teórica os conceitos fundantes desta monografia que servirão de base para as discussões e reflexões do caso apresentadas no capítulo V.

III. FUNDAMENTAÇÃO METODOLOGIA

3.1 Natureza da pesquisa

O método de estudo apresentado aqui será o estudo de caso de um atendimento psicológico individual, bi pessoal ocorrido semanalmente de maio a novembro de 2014.

A abordagem psicodramática faz parte de um campo teórico mais vasto desenvolvido por Jacob Levy Moreno e chamado de Socionomia. Para Moreno (1959b/1974), a Socionomia é a ciência das leis sociais. Moreno divide a Socionomia em três ramos: a Sociodinâmica, a Sociometria e a Sociatria.

A Sociometria se ocupa em medir as relações sociais resolvendo a dicotomia “qualitativo” versus “quantitativo” de nova maneira. O “qualitativo” está contido no “quantitativo”. A Sociodinâmica é a ciência das estruturas sociais, isolados ou unidos. E a Sociatria é a ciência do tratamento dos sistemas sociais, subdividida em psicoterapia de grupo, psicodrama e sociodrama

e outros desdobramentos contemporâneos. A articulação entre estas três vertentes é sempre vivida nos atendimentos.

Segundo Neves (1996), a Pesquisa Qualitativa se caracteriza pelos seguintes aspectos principais:

"o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; o caráter descritivo; o significado que as pessoas dão às coisas à sua vida como preocupação do investigador; enfoque indutivo."
(p.1)

Wechsler (2007) fundamenta a inserção do Psicodramatista-Pesquisador:

"Na metodologia socionômica o psicodramatista-pesquisador é observador participante, implicado no grupo e com o grupo, o qual é soberano, dessa forma não existe a cisão entre sujeito pesquisador e objeto a ser pesquisado, todos acabam tendo o estatuto de pesquisador; (p. 3).

Wechsler (2007) articula a Pesquisa-Ação e os Métodos Socionômicos, distinguindo epistemologicamente a nova Pesquisa-Ação da pesquisa-ação positivista e tematiza-os pela perspectiva dos métodos socionômicos. Sintetiza a Pesquisa-Ação emancipatória, denominada Nova Pesquisa-Ação de orientação política em três pontos essenciais:

- "1. O processo educativo como objeto passível de pesquisa;*
- 2. A natureza social do objeto de pesquisa e as consequências da reforma em curso;*
- 3. A pesquisa como atividade social e política, portanto, ideológica."*
(p.4).

E nos convoca a pensar que a Pesquisa Socionômica vai além da pesquisa ação emancipatória pois além de coincidir em seus fundamentos, tem seus próprios métodos. Assim a Pesquisa Socionômica é uma pesquisa ação com métodos próprios e por excelência, uma pesquisa qualitativa onde o enfoque, ao invés da indução, é a co-criação.

3.2 Procedimento da pesquisa

3.2.1 Sobre o sujeito

A cliente em questão será aqui nomeada por Maria (para preservar sua identidade). Nos relatos aparecem também o nome de seu ex marido que aqui será chamado de João.

3.2.2 Sobre as sessões

Foram realizadas 20 sessões na Unidade Básica de Saúde da cidade, com tempo de duração de 50 minutos cada, no período de abril a novembro de 2014. Porém aqui caberá a análise da sessão "chave" para o desenrolar do processo terapêutico ocorrida no dia 25 de setembro.

3.2.3 Sobre o foco do trabalho prático e o foco da leitura deste trabalho

Este trabalho teve foco clínico, de atendimento psicoterapêutico individual bipessoal.

O foco da leitura deste trabalho foi a abordagem psicodramática. Minha leitura como psicólogo psicodramatista privilegiou o relacionamento entre pessoas concretas (terapeuta / cliente), inseridas dentro do contexto clínico onde se buscou uma compreensão e resolução do caso manifesto, resultando na saída de um estado de conserva cultural para um estado espontâneo criativo, ou seja, de sua prisão subjetiva, de relação conjugal e aos demais vínculos à um sentimento de liberdade.

3.3 A práxis psicodramática

Enquanto a Teoria interessa-se pelo estudo da natureza humana, ou condição humana como preferem os existencialistas, do psiquismo e do comportamento do homem, a Prática

insere-se no campo da ação, a partir de diversas técnicas. Entre ambos, o *método* é o fator de articulação entre o pensar, o sentir, o apreender e compreender fenômenos e fatos. (ALMEIDA, 1988).

Etimologicamente, Método é o caminho. Almeida (1988) aponta o Método Fenomenológico-Existencial como o caminho percorrido por Moreno em sua obra. Exatamente porque este método, assim como na filosofia Moreniana, não permite fechar a análise da personalidade humana em estrutura única e isolada dos diversos contextos em que o homem encontra-se inserido.

Segundo Gonçalves, et al., (1988), o tripé que embasa prática socionômica, criada por Moreno, são os contextos, instrumentos e etapas.

3.3.1 Contextos

Por contexto se entende o encadeamento de vivências privadas e coletivas; são três os contextos do psicodrama: social, grupal e dramático. O contexto social envolve o tempo cronológico com as características próprias da sociedade no “como é”. O contexto grupal é constituído pela realidade grupal tal “como é”, com tempo cronológico dentro de um intervalo previamente estabelecido e combinado, dentro do espaço e tempo. O contexto dramático é constituído pela realidade dramática do “como se”, pelo tempo e espaço fenomenológico, subjetivo e virtual. Nele tudo ocorre no “como se fosse” do imaginário e da fantasia.

3.3.2 Instrumentos

O instrumento é o meio empregado na execução do método e das técnicas psicodramáticas. São cinco os instrumentos do psicodrama: cenário; protagonista diretor; ego auxiliar; e plateia. O caso clínico apresentado, neste trabalho, não contou com a presença de ego auxiliar, e plateia por se tratar de uma abordagem de psicodrama individual bipessoal.

- *Cenário*

É o espaço do “como se”, onde ocorre a ação dramática. Este espaço é projetado de acordo com as exigências da dramatização através de uma convenção estabelecida entre os participantes do grupo. Para a montagem do cenário podem ser utilizados objetos materiais ou construções imaginárias que permitam a criação do clima afetivo da cena. (AGUIAR, 1998).

- ***Protagonista***

O Protagonista é o sujeito que emerge para a ação dramática, como representante dos sentimentos e conflitos comuns que permeiam o grupo. (ALVES, 1990). Na psicoterapia individual o protagonista é sempre o próprio cliente com seus conflitos e demandas.

- ***Diretor***

É o terapeuta que coordena a sessão, cujas funções envolvem a direção da cena propriamente dita, a partir da leitura realizada, a ação terapêutica, tanto sobre o protagonista como sobre o grupo, e a análise social, no momento em que compartilha com o grupo sua compreensão da situação vivida. (MORENO, 1949/1975). Ao Diretor cabe o aquecimento do grupo, a decisão final sobre a escolha do protagonista e da cena a ser dramatizada, a partir da leitura dos movimentos do grupo, garantindo, com sua sensibilidade, a melhor direção para a explicitação de suas tramas e dramas. (AGUIAR, 1998).

- ***Ego Auxiliar***

Forma com o diretor uma Unidade Funcional. É também um terapeuta, que interage em cena com o protagonista, seja representando papéis determinados pelo diretor, exercendo função terapêutica através da manutenção do aquecimento do protagonista e do desempenho do papel complementar ou ainda como observador social das inter-relações registradas no contexto grupal ou dramático e compartilhadas com o grupo. (MORENO, 1949/1975)

- ***Público***

São os participantes que ficam no contexto grupal, durante a ação dramática. Participam da etapa do compartilhar expressando seus sentimentos e vivências, funcionando como caixa de ressonância para o protagonista e os demais integrantes da sessão. Ao mesmo tempo em que público cumpre uma função de representação do mundo é também um educando no sentido de aquisição de conhecimentos sobre si mesmo. (MORENO, 1949/1975).

3.3.3 Etapas

As etapas são divididas em três: aquecimento inespecífico e específico; dramatização; e compartilhar. O aquecimento é o momento da escolha do protagonista e a preparação para a ação. Na dramatização se dá a ação dramática propriamente dita. E o compartilhar é o espaço que cada elemento do grupo pode expressar o que sentiu e pensou a partir da dramatização realizada, funcionando como uma caixa de ressonância para o protagonista.

3.4 Os métodos e técnicas vivenciados

Técnicas são o conjunto de procedimentos práticos que instrumentalizam o método, tornando-o viável na execução de seu objetivo final.

Através das técnicas do psicodrama, o indivíduo desempenha papéis que contribuem para o seu desenvolvimento físico e mental. (MORENO, 1975). Foram utilizadas técnicas como: duplo; inversão de papéis; solilóquio; cadeira vazia; concretização; e psicoterapia da relação.

3.4.1 Métodos

a) Psicodrama bipessoal

O psicodrama bipessoal é uma abordagem terapêutica proveniente da teoria de Moreno, não é propriamente uma técnica. A teoria bipessoal não faz uso de egos-auxiliares e atende

apenas a um paciente por vez, a relação é composta por um paciente e um terapeuta e não por todo um grupo. (CUKIER, 1992).

Para Rosa Cukier (1992), o psicodrama bipessoal não é uma abordagem terapêutica menos importante que outras ou necessariamente preparatória para uma terapia grupal. A condição de ser um indivíduo precede a condição de ser um elemento num grupo: por isso, compreender esse indivíduo em todas as suas nuances, desde suas primeiras trocas afetivas até a complexa estruturação de seus conflitos e defesas atuais, é primordial para qualquer procedimento terapêutico.

Será utilizada por Cukier (op. cit.) uma metodologia de psicodrama bipessoal que consiste em: a) estimular algum tipo de aquecimento inespecífico e específico em movimento, além do aquecimento inespecífico verbal; b) utilizar almofadas ou objetos da sala para marcar os papéis complementares; c) propor a técnica da tomada de papéis para que o paciente possa ir definindo e experimentando o papel complementar; d) quando o paciente retoma o seu papel costuma emprestar sua voz e por vezes sua força física à almofada, a fim de manter o aquecimento e dar mais veracidade a dramatização; e) raramente contracena ou assume o papel do paciente e quando o faz é de forma breve; f) preferencialmente utiliza a técnica da entrevista, que lhe permite mobilidade para ir e vir entre a fantasia do paciente e a realidade da sessão; g) além da técnica da entrevista, utiliza vários outros recursos e as técnicas clássicas da dramatização.

b) Psicoterapia da relação.

O método criado e desenvolvida por Fonseca (2010), consiste na utilização da função ego auxiliar do diretor de psicodrama. Nela o psicodramatista, sem deixar de ser diretor porque continua controlando o tempo da sessão, fazendo todas as interrupções necessárias e comandando a direção dos procedimentos, cumpre uma função de ego auxiliar, que eu denomino, por estas razões, de função ego auxiliar do diretor. Esta função ego auxiliar, no caso da terapia da relação, consiste em tomar o papel dos personagens do átomo social do paciente, dialogando diretamente com ele e propondo, conforme o desenrolar do diálogo, trocas de papel, em que o terapeuta passa a ser o paciente e o paciente passa a ser os personagens de seu mundo interno.

3.4.2 Técnicas

a) Duplo

O duplo é uma técnica utilizada quando o protagonista, durante a ação dramática, tem dificuldade em expressar verbalmente uma emoção ou sentimento. O diretor pede a um ego-auxiliar, que pode ser um terapeuta treinado ou um participante da plateia, que desempenhe o papel de duplé, ou seja, que desempenhe o papel ou um aspecto do papel do protagonista.

b) Inversão de papéis

A técnica de inversão de papéis consiste em o protagonista tomar o papel do outro e este tomar o seu papel. Dessa forma só há uma verdadeira inversão de papéis quando as duas pessoas estão realmente presentes. (GONÇALVES, 1998). No entanto, quando não estão pode-se experimentar o papel, tomar o papel.

c) Solilóquio

Solilóquio é uma técnica verbal, em que o diretor pede que o protagonista ou outro participante expresse em voz alta, sentimentos e pensamentos ocultos que lhe venham à mente no momento da ação dramática. (MORENO, 1959)

d) Técnica da cadeira vazia

Propicia ao paciente a possibilidade de confrontar partes opostas de conflitos internos ou pessoas com quem se tem algo a acertar. (CUKIER, 1992).

e) Realidade suplementar

O conceito de realidade suplementar é central na teoria psicodramática. Segundo Ramalho (2010), o psicodrama permite o acesso a uma forma de realidade raramente atingida por outras abordagens terapêuticas, alcançando o território dionisíaco, que é o da libertação das convenções corriqueiras, que Moreno chamou de realidade suplementar. O acting out controlado do psicodrama não é apenas um teatro de expressão, mas também um ato de restrição, pois ao mesmo tempo permite o encontro e a confrontação, a desconstrução e a construção. Moreno conceituou o psicodrama como uma pequena injeção de insanidade, sob condições controladas e protegidas. Ele é semelhante ao teatro do êxtase em seu sentido mais puro, pois possibilita ao sujeito sair do mundo limitado do seu ego e individualidade, e dissolver fronteiras. Assim, atuando, o protagonista é convidado a experienciar um mundo sem limites, virtual, em que fica liberado do mundo real, podemos dizer que estamos trabalhando com a imaginação, numa realidade suplementar.

Existem duas formas de trabalhar com a realidade suplementar, uma mais ortodoxa e outra mais heterodoxa, segundo Zerka Moreno (1994), apud Ramalho (2010):

"1) a realidade suplementar como técnica para atuar as fantasias e os desejos e, portanto, as necessidades do ego: tem um efeito integrador sobre o ego, de modo que o protagonista se sinta melhor e consiga tocar para frente a sua vida. Por exemplo: levar ao palco um diálogo entre o protagonista e alguém que já morreu, ou atribuir a ele um "novo" pai ou mãe, re-significando. O objetivo seria curar velhas feridas, teria um efeito integrador;

2) a realidade suplementar como um instrumento de desintegração, para criar desconforto, mal - estar e tensões no palco." (p.41).

IV. APRESENTAÇÃO DO CASO

4.1 Contextualizando o caso clínico.

Descrevo primeiramente, de forma sintética, o caso, as sessões realizadas antes da sessão nomeada de "A prisão de Maria" para maior compreensão do mesmo.

A queixa inicial da paciente vem em decorrência da dificuldade de sair da casa, ou da relação com o marido João (20 anos mais velho que ela). Se sente presa a esta relação com o marido, não sabe se sai de casa ou não. Sente-se confusa e desorganizada e este estado ansioso prejudicou sua produção de patchworck que realizava em casa.

João tem uma pizzaria e eles moram no andar de cima a ela. Maria ajuda João a administrar, é ela quem compra os ingredientes, contrata os funcionários e cobre suas ausências. Maria trabalha com patch work e é economicamente independente. Têm três filhos, maiores de 18 anos que estudam e trabalham em outras cidades. Gostaria de sentir na vida afetiva, pessoal, a mesma independência que vive no papel profissional.

João e Maria já estão casados a mais ou menos 20 anos e de uns dois anos para cá, Maria não tem mais relação sexual com João e dormem em quartos separados. Disse que ele procura-a apenas para a relação sexual. Mas desde sempre a deixou de lado, trocando-a por bebida e jogo.

Maria relata que em sua infância teve pais rígidos que não lhe davam autonomia para sair de casa. Tinham medo que ela engravidasse antes do casamento. Achou que casando seria livre, mas entrou em outra prisão e solidão.

Maria já teve outros dois envolvimento fora do casamento no qual buscou suprir as carências de seu relacionamento atual, relatou-os há um mês dizendo se preocupar quanto ao que pensaria dela. João também tem relações extraconjugais segundo relata Maria.

João a procura para relação sexual, mas ela não quer, pois queria mais que isso, quer que ele pare de beber, pare de jogar, seja seu companheiro, pare de tratá-la mal quando chega em casa. Percebeu, na sessão anterior, que está fazendo com João o mesmo que ele fez com ela, ou seja, João saía para jogar e deixava-a só, agora é ele quem procura-a e ela nada quer com ele. Compreende essa situação como uma "vingança", e ao mesmo tempo se sente culpada, vê João como coitadinho. Relata em algumas sessões pensar em voltar a se relacionar sexualmente com

João, mas logo desiste da ideia por saber que ele não vai mudar. Maria comenta, com João, que vai ir embora, e diz que João sabe a forma de agradá-la, de se fazer de vítima para que ela fique.

As sessões iam ocorrendo, e a cliente sempre trazia nos momentos iniciais das sessões, entre lágrimas, o incomodo de falar do sentimento de aprisionamento que vivia. Recriminava a si mesma, dizendo ser "bobeira" suas questões. Também se questionava muitas vezes quanto a ficar presa a algo tão óbvio. Dizia ter ódio se si mesma por isso. Sentia que a terapia era como "mexer na ferida". Diversas vezes quer respostas do terapeuta, referentes ao seu modo de agir e a respeito do que fazer, (o que faço para resolver isso? ... o que faço para tirar essa culpa? etc.).

Muitas vezes perguntava se a psicoterapia ia resolver alguma coisa. Suas faltas eram frequentes, e sua presença se dava quase em ritmos quinzenais.

No entanto, apesar das resistências surgidas na psicoterapia, ao longo das sessões Maria sente que tem avançado no seu intento de sair deste relacionamento e da casa. Já comprou um apartamento em uma cidade vizinha e quando pronto irá se mudar. Fala em ter alta, pergunta até quando precisa vir. Tem sentido cada vez mais autoconfiante para dizer "não" para João, quanto ao trabalho na pizzaria, a ter relações sexuais, pois muitas vezes a fez sem desejar, e a suas investidas agressivas. Se em alguns momentos ela se mostra independente, e autônoma, em outros, ela se sente presa. Nesses momentos não sabe, ou não pode dizer o que pensa a João. Numa concretização simbólica de seu sentimento, diz se sentir como uma laranja chupada, em que até a casca foi utilizada como lenha. Então, algo ainda a prendia.

Devido a dificuldade do terapeuta, em compreender as resistências e a prisão subjetiva da cliente, levou o caso para a supervisão, com Pedro Mascarenhas no curso de formação. Ele e os colegas o ajudaram a manejar o trabalho, focando na prisão de Maria, pois ela precisaria, entender mais o que significa "estar presa", viver o sentimento conservado.

Relato, a seguir, a sessão "chave", ocorrida após a supervisão, para o desenrolar do processo psicoterápico de Maria, ocorrido no dia 25 de setembro.

4.2 Apresentação da sessão "A prisão de Maria"

Nessa sessão Maria mostra-se bastante angustiada e inquieta. Diz que quer ir embora, chora ao falar de seu sentimento de aprisionamento, e se incomoda de ter que entrar em contato com ele. Nas sessões esse sentimento toma conta dela, ela desabafa dizendo:

- Quando eu estou fora daqui eu dou uma disfarçada, mas quando eu chego aqui, ela aparece com tudo, vem que vem com tudo, vem com tudo e toma conta das outras todas.

Maria diz que não gosta dessa personagem. E por isso não gosta de vir na terapia pois na terapia essa personagem aparece. Questiona a si mesma indignada:

- Porque eu não falo sobre esse assunto lá? Por que não falo com o João, por exemplo, que vieram dar a notícia de que vão entregar meu apartamento?

Pergunto a ela:

- Porque essa Maria não pode aparecer na relação com o João?

Responde ela:

- Porque é a Maria com medo, porque daí ele cresce por cima de mim.

Percebo o conflito, a confusão e ambivalência de sentimentos existente em Maria e partindo da técnica da psicoterapia da relação de Fonseca, proponho que façamos uma conversa entre a Maria "livre" que busca a liberdade e a Maria "presa" que tem medo, e que não pode falar. Início no papel de Maria "presa" dizendo:

T (Maria presa) - *Aqui eu posso aparecer, dizer o que realmente eu sou, tenho pena do João, preciso cuidar dele, ele precisa de mim.*

M (Maria livre) - *E a sua vida como é que fica? A sua vida não é a dele. Você tem que viver a sua vida, não é a dele que você tem que viver...*

T (Maria presa) - *Ah, mas,... eu não me importo muito com minha vida...*

M (Maria livre) – *Até quando? Até você ficar velhinha? Precisar dele, e ele não vai estar nem mais aí, não foi para isso que você veio ao mundo, para ficar vivendo a vida dos outros, você veio para viver a sua.*

T (Maria presa) - *Mas eu já aprendi a ser assim...*

M (Maria livre) – *Você deixou ele fazer isso com você, isso sim...*

T (Maria presa) – *Ele cresceu me controlou e me dominou agora eu to aqui, agora eu to aqui. Eu surgi como um oposito de você, esse seu desejo de liberdade essa sua autonomia, reflete que por traz disso existe eu, alguém que se submete, alguém que é dependente, alguém que não pode sair e que está presa. Eu sou a Maria presa...*

M (Maria livre) - *Mas você está presa porque você quer, porque a porta está aberta.*

T (Maria presa) – *E porque a gente não sai?*

M (Maria livre) - *São dois fatores:Um é dó do João, e o outro é o medo. Medo de que?... medo de que?*

Nesse momento M, sai do papel de "Maria livre" e entra no papel de "Maria presa", fazendo uma reflexão sobre seu sentimento de medo, sua origem e existência:

Medo... Não consigo enxergar esse medo, acho que esse medo não existe não. Medo de quê? Se tem medo tem que ter medo de alguma coisa. Igual a história do medo de carro, de estrada lisa: medo de não chegar em casa. Tinha um porque do medo. Agora esse "eu não ir"... estar na pressão ainda, estar com a porta fechada..., estar com a porta aberta, e tem medo de sair... Uma coisa que impede é de deixar o João sozinho, uma criança.... que se faz de criança justamente para isso, que se faz de sem juízo de andar por cima de uma laje, esburacada de noite, facilitando só para ficar dependendo de mim... Será que é só isso? essa pena do João que eu tenho ou é mais alguma coisa?

Terapeuta: Comento sua saída do papel de "Maria livre" e entrada no papel de "Maria presa" e seguimos, agora o terapeuta como "Maria livre":

T (Maria livre) - *Ai, você precisa ficar livre! Eu não gosto de você. Eu tenho raiva de você porque você fica lá, presa...*

M (Maria presa) - *Eu também não gosto desse jeito, mas é cômodo né. É isso. É cômodo mas é desconfortável.*

T (Maria livre) - *Eu não gosto de estar assim, quando eu olho para você... nossa, eu não gosto de você porque você fica lá presa naquela casa, agora eu não sei o que você tem de ficar naquela casa, sendo que você tem um apartamento maravilhoso que vai ser entregue agora. Você fica me segurando, travando minha vida.*

M (Maria presa) – *Será que a pena do João é maior que a vontade de ser livre? É muito fácil ele se colocar no papel de vítima também. Eu sou uma idiota, "ai tadinho dele", ele se põe no papel de vítima, fica encenando sabe, fica representando que vai sofrer. Aí, eu fico com pena.*

- *Ai..., eu estou deixando de olhar para mim, faz muito tempo eu acho que eu estou deixando de olhar para mim, eu faço umas coisas aqui, umas coisas ali sabe, poucas coisas e coisas erradas, faz umas coisas aqui, umas coisas ali, pensando em mim, o resto é que se foda..., mas isso é muito pequeno diante de tudo o que eu estou vivendo, desse rolo dessa complexidade, dar um passo, é um passo só....*

(...) *Será que eu sou uma pessoa fácil de ser manipulada? Que ele manipula com caras e bocas? Eu sou uma pessoa manipulada por ele?*

T (Maria livre) – *Claro que é, você não pode falar nada para ele, eu falo, mas você não fala. Não consegue falar "não". Eu falo "não"! Você não consegue falar "não"!*

M (Maria presa) – *Eu falei "não" com relação a esta questão de ficar usando meu carro para entregar pizza. Como é que eu não falo "não", falo sim...*

T (Maria livre) – *Eu (Maria livre), falei isso!*

M (Maria presa) – *Tá bom... (risos). Então porque você não cresce?*

T (Maria livre) - *Você cresce. Na hora que ele se faz de vítima, se faz de coitadinho, você cresce e eu desapareço...*

M (Maria presa) - *Então porque você não cresce? É aquela história do cachorro dentro de mim, eu tenho dois cachorros dentro de mim e vai crescer aquele que eu alimentar melhor... é isso?*

T (Maria livre) - *Então o que te impede de desaparecer?*

M (Maria presa) - *Esse lado aí precisa crescer para esse daqui desaparecer...*

T (Maria livre) - *Mas eu já cresço tanto, no meu trabalho, eu desenvolvo tanto, eu tenho independência financeira, eu tenho as minhas amigas eu saio,... mas você tem que diminuir porque você fica escondida, e quando a agente entra em casa você aparece e eu saio. Quando estamos diante do João eu saio e você entra em cena...*

Maria sai do papel de "Maria presa", e reflete:

M – *É..., o que eu tenho que fazer? Eu tenho que tomar uma atitude em relação a isso. Essa Maria aí que é a que eu gosto.... Eu tenho que fazer com que ela fique mais forte. Mesmo estando lá. O que eu tenho que fazer para isso acontecer? Para a "Maria livre" não sair do controle?*

Eu ainda no papel de "Maria livre" chamo ela de volta para o papel:

T (Maria livre) - *Vamos trazer João para conversarmos com ele, para ver quem vai falar com ele, quem vai tomar a frente..*

Sáímos do intrapsíquico e entramos no inter-relacional: Maria e João. Pedi para Maria montar uma cena com João.

Maria descreve a cena de uma conversa ao telefone com a irmã, dizendo que João não quer ir ao médico, pois fala que não aconteceu nada, mas nas conversas com outras pessoas, reclama que caiu da laje e está com a costela quebrada. Maria diz à irmã que não gosta desse jeito dele. Escreveu isso no papel, em seguida escreve: *"eu não gosto dele!"*. E completa:

"Me veio uma pessoa que eu não gosto, não gosto das atitudes dele, não gosto do jeito dele de agir. Não gosto das coisas que ele faz. E eu fico quieta, aguentando, cuidando. Perto de mim ele geme e perto dos outros não."

T (duplo de M) – *Ele fica se fazendo de coitadinho, para nós ficarmos com raiva, porque a gente não gosta disso, mas você fica com peninha também, e continuamos ao lado dele.*

M se dirigindo a João (cadeira vazia)- *Porque você não veio escutar ontem o que o padre Fábio de Melo estava falando, no programa lá, você tinha que escutar também, quando não precisa vem, Você tinha que estar lá perto de mim par escutar o que estava falando... Quando não precisa vem.*

T (no papel de João) – *Ai coitado de mim, você não cuida de mim, você não me ajuda, eu quebrei duas costelas.*

M- *Daqui a pouco vai ser três.*

T (duplo de M) - *Ta vendo é isso que eu estou falando você está se fazendo de coitadinho e nós ficamos chorando por causa dele, ele está ti manipulando com esse jeitinho dele, eu não quero mais isso, a gente não gosta mais dele. Nós queremos a liberdade, e não quero mais a prisão, o peso.*

M - *É eu vou tomar uma atitude, eu vou falar o que está preso aqui, vai, senta lá.*

T (no papel de João) – *Aí que dor...*

M - *Então lembra do meu apartamento que está sendo construído, ficou pronto, lembra das muitas vezes que você me mandou embora, então eu vou embora.*

T (no papel de João) – *Ah, você só fala mas não vai nada.*

M - *Eu vou.*

T (no papel de João) – *mas você vai me deixar sozinho? Quem vai cuidar das coisas?*

M- *Eu vou embora. Ponto! As coisas vão se ajeitando.*

T (no papel de João) - *A culpa vai ser sua se acontecer alguma coisa comigo.*

M- *Será?... Isso não existe não vem que não tem não. Eu não tenho culpa de nada. Para de se colocar de vítima na minha frente. Não faz mais chantagem mais comigo não. Olha imagina a cena quando você fica feliz eu tenho que estar do seu lado, só que do seu lado eu sou infeliz... você quer uma pessoa assim do seu lado?*

T (no papel de João) – *Então vai embora logo...*

M - *Eu vou...*

T (no papel de João) - *eu faço esse joguinho mesmo...*

M - *Você entendeu o que eu disse? Você quer me ver ao seu lado mesmo eu sendo infeliz? Eu vou perder meu sentido de viver...*

T (no papel de João) - *Eu me importo mais com a minha felicidade do que com a sua.*

M - Então , a partir de agora eu vou passar a agir da mesma forma.

T (no papel de João) – Mas você nunca fez isso.

M - Mas agora vai ser.

T (no papel de João) - Você sempre se importou mais comigo do que com você.

M - Ai que besta que eu sou, e é essa besta que vai sumir de dentro de mim.

Peço para ela sair da conversa com João e conversar com Maria presa (cadeira vazia). O que você vai dizer para ela:

M - Você vai sumir, vai desaparecer...

T - Não tem nada de bom nessa Maria, tem alguma coisa de boa nela?

M - Eu acho que ela se preocupa muito.

T - Se essa aqui quer tanto voar a outra é mais pé no chão...

M - É, tem algumas coisas delas que tem que desaparecer.

T - O problema é quando ela te prende, você pode ter várias relações na sua vida, mas dessa (com João) você não consegue sair. Das outras coisas você sai, mas daqui não.

M - Nossa eu estou conseguindo ver as duas exatamente. Então eu tenho que saber controlar a hora que é para uma entrar em ação e a hora que é para a outra. Porque você se anula tanto caramba.

T (Duplo) - Desde lá da minha infância eu não sei o que é ser livre.

M - E aquela propaganda que a gente tinha pregada atrás da porta: “ Dê liberdade a quem você ama”. Quando a gente começou a namorar esse era um lema do nosso relacionamento. Vou falar isso para ele hoje. E você vai ficar quieta.

T (Duplo) - Eu falo para ele, vou te levar no hospital.

M - Como que pode ficar assim, eu to sentindo que você está diminuindo, eu vou tomar conta agora eu vou estar no comando.

T (Maria Presa) - Tentei te controlar ao máximo mas você esta tomando conta de mim.

M - Olha não é do dia para a noite que a gente muda mas eu vou pensar muito sobre isso.

Na etapa de compartilhamento Maria diz que foi muito legal, sempre compartilha confusão e hoje conseguiu enxergar as duas Marias nitidamente na sua frente. E aquele sentimento de querer ir embora da sessão era porque não queria enxergar essa Maria.

Após essa sessão relatada o caso deslanchou. Nas sessões seguintes Maria conseguiu compreender mais facilmente outros aspectos presentes em seus sentimentos de se sentir presa, sua relação com a casa, a sua infância e as histórias vividas lá, e o sentimento de pena do João.

V. DISCUSSÕES E REFLEXÕES A PARTIR DA PRÁTICA

Do lugar de Psicodramatista em formação, no desempenho do papel de pesquisador, na perspectiva da abordagem de pesquisa-ação, em que, o pesquisador é parte da pesquisa, delineamos a seguir nossas reflexões a respeito da contribuição que a abordagem teórico-metodológica psicodramática pôde fornecer no setting clínico para a paciente aqui apresentada, subjetivamente aprisionada. Como não temos como horizonte da pesquisa tecer generalizações e sim reflexões contextualizadas, fica aqui uma abertura para futuras pesquisas que tratem deste tema.

Já no começo da sessão aparece a angústia de Maria manifesta em sua inquietação e desejo de ir embora da sessão. O encontro com a angústia é difícil, e nessa sessão, como também em sessões anteriores, ela vem se encontrando com essa angústia. Quando Maria está sozinha ela vive a tranquilidade da Maria livre (ML). Na relação com João ela vive a Maria presa (MP), e põe a culpa nele. Mas é na relação terapêutica que as duas "Marias" aparecem, a divisão interna aparece em forma de angústia, pois é na psicoterapia que se encontra a condição preponderante de olhar o que vamos produzindo ao longo da vida.

"- Quando eu estou fora daqui eu dou uma disfarçada, mas quando eu chego aqui, ela aparece com tudo, vem que vem com tudo, vem com tudo e toma conta das outras todas."

Maria tende a não reconhecer que a causa da angústia está nela, por isso é muito mais fácil dizer que quem dá a angústia a ela é o João, ele é o culpado. Maria fala que tem medo e se

pergunta: "medo de que?". Percebemos nesse caso que o medo de Maria não tem como causa João, seu medo é dar espaço a um personagem que ela não sabe dar contorno, ela não sabe dar contorno à Maria Livre (ML) e por isso precisa do contorno do João. Estabelece-se, assim, uma relação simbiótica com o parceiro.

Percebendo esse conflito interno na paciente o terapeuta busca compreendê-lo e ajudá-la a compreender, assim propõe que a paciente traga esses dois personagens Maria Livre e Maria Presa (ML e MP), para explorar a relação intra-psíquica entre eles, utilizando-se do método da psicoterapia da relação, onde o terapeuta desempenha um papel do mundo interno do paciente.

Inicialmente ela escolhe a personagem ML e dá ao terapeuta a personagem MP. Fazendo isso, entendemos que Maria ainda não sabe nomear e compreender a MP. Assim o terapeuta, sendo esse personagem, utilizando-se dá função ego auxiliar do diretor, dá à ela a possibilidade de introjetar e nomear os sentimentos, percepções e pensamentos, pois ela ainda não sabe, por isso, a angústia. Em toda sua vida ela não teve espaço para essas contradições e não saberes, sempre foi alguém que teve que dar conta de tudo, tendo vivido num caldo familiar aprisionado. Nesse momento da sessão, o terapeuta, sendo o personagem que ela não sabe dar conta, não sabe 'pensá-lo', está fazendo a maternagem e a paternagem que ela não teve em sua vida, de um jeito suficientemente bom, para ajudá-la a conseguir se organizar internamente. Cito, como exemplo, esta fala de maternagem do terapeuta:

"Aqui eu posso aparecer, dizer o que realmente eu sou, tenho pena do João, preciso cuidar dele, ele precisa de mim."

Sabemos através da teoria moreniana do homem em relação, e da teoria da matriz de identidade, que só nos organizamos em relação, e nesse momento fazendo a maternagem (acolhendo) e a paternagem (dando contornos e limites), poderemos facilitar a resignificação de conteúdos destes papéis internos, abrindo à possibilidade para ela viver as relações fraternas, cujo papel é essencial para um casamento.

No processo de formação da Identidade, na matriz de identidade, a família de origem vai transmitindo valores, veiculando formas de relação, e o trabalho do adolescente ao final desse processo é poder, um dia, reconhecer que terá que falar "sim" e "não" para estes valores e formas

de relação veiculados pela família de origem, construindo uma identidade singular e responsabilizando-se pelas escolhas.

Sabemos que a busca de si mesmo é um processo infundável, mas de alguma forma, espera-se que o adulto já consiga reconhecer sua própria “cor e forma” para buscar seu lugar no mundo. Maria estava ainda tentando encontrar seu “tom”, integrar seus aspectos/personagens para sentir-se um sujeito que pode criar.

Nesse processo subjetivo da criança (que culmina com a adolescência), onde ela vai revisitando outras matrizes de identidade e comparando os valores de outras famílias, e a forma como os educadores de sua família de origem lida com os acontecimentos, flexibilizando ou enrijecendo/reprimindo as possibilidades de ser, influencia diretamente sua organização intrapsíquica e interpísica. É claro que a natureza genética de cada um também tem seu lugar neste processo, mas este não será nosso foco.

Em seu processo de estruturação da identidade, na primeira infância, lembrada por Maria em algumas sessões, ela viveu uma relação controladora e autoritária com sua figura materna, e uma relação silenciosa, distante e pouca afetiva com sua figura paterna. Compreendemos, neste caso, que esta forma de maternagem, assim como os vazios da paternagem foram sendo introjetados, constituindo os papéis fundantes da sua identidade, perpassados pelos personagens vitimizado (MP) duelando com o personagem ML (idealizado). No seu processo de desenvolvimento nunca lhe fôra de direito questionar sobre o que não concordava, ou sobre as contradições que percebia, pois o ambiente era muito aprisionante, fazendo, inclusive que ela saísse de casa cedo para viver a sua vida – uma vida livre ilusória.

Uma matriz de identidade marcada por uma maternagem e uma paternagem que não permitiam outras experiências existenciais, fora do modelo que "o certo é casar". Precisou casar e se arriscar em “casos” fora do casamento, colocando em João a responsabilidade de ficar preso a ela, reproduzindo a prisão de sua matriz de identidade, por intermédio da atualização cotidiana dos personagens vividos em cena.

Notamos também a dureza e o sadismo que habitam o personagem ML em diversas falas, em contrapartida à vitimização do personagem MP. Citamos algumas:

"Mas você está presa porque você quer, porque a porta está aberta."

"...Eu sou uma idiota..."

"Ai que besta que eu sou, e é essa besta que vai sumir de dentro de mim."

Percebemos a conversa interna destes dois personagens que se complementam de tal forma que não tem saída: a vítima e o seu algoz, veiculando suas experiências internas no Papel de filha com sua mãe, matrizada pelo caldo inter-relacional que viveu na sua Matriz de Identidade. A ML não tem nenhum acolhimento pela MP, ao contrário, estão sempre brigando. Esta falta de acolhimento é o tipo de maternagem que ela dá a si própria, reproduzindo o que foi experimentado. Nomeamos de Papel Complementar Interno Patológico, como foi descrito na fundamentação teórica.

Transcorrido algum tempo de conversa entre o terapeuta como MP e ela como ML, foi o suficiente para ela mesma sair do papel de ML e, fazendo um solilóquio, entrar no papel de MP. Notamos o quanto, na técnica da psicoterapia da relação, o terapeuta podendo verbalizar e ser a MP, faz com que ela experimente fazer uma maternagem melhor com ela, faz com que ela consiga ter um espaço interno para sentir, início de uma desconstrução do papel complementar interno patológico e de um descongelamento das emoções:

"Medo... Não consigo enxergar esse medo (...). Agora esse "eu não ir", estar na pressão ainda, estar com a porta fechada, estar com a porta aberta, e tem medo de sair (...)."

Maria o tempo todo projeta em João o personagem livre ilusório, por isso inconsequente, pois repete e reproduz seu conflito interno instaurado pelo personagem conservado que habita o papel complementar interno patológico produzido pela maternagem que viveu, assim como pela ausência da paternagem: *"João anda na laje, e é sem juízo"*, e ela se aventura em relações amorosas fora do casamento. Maria não se dá conta que ela também tem esse personagem que faz coisas perigosas e escondidas, sem cuidado de si. E por este personagem estar aprisionado ou cindido, aparece em terapia como ML, pedindo 'socorro', pois precisa ser transformado e reintegrado.

Também percebo, agora com o distanciamento reflexivo do caso, que poderia ter me utilizado mais, na personagem ML, de uma maternagem acolhedora, diferente da qual ela mesma

fez estando como personagem ML, me utilizando para tanto, da realidade suplementar. Isso a ajudaria como um modelo, auxiliando na introjeção de uma maternagem diferente, e amenizando o conflito intrapsíquico, marcado pelos sentimentos de raiva, medo e culpa, decorrentes da luta interna entre ML e MP, personagens que reproduzem a crueldade engendrada nas vivências de aprisionamento e vazios vividos na Matriz de Identidade, traduzidas, internamente, pelo papel complementar interno patológico. No entanto, fazer igual a ela (como personagem ML), também foi importante para ela perceber o que ela faz com ela, dando visibilidade a essa relação. Trago, nessa fala dela como MP, um exemplo dessa visibilidade e compreensão:

"Eu também não gosto desse jeito, mas é cômodo né. É isso. É cômodo mas é desconfortável."

É cômodo porque João fica como "bebezinho infantilizado" e sem responsabilidade que é o pedaço dela também sem responsabilidade. Ela também é a vítima dessa ML que é uma algoz para ela, o próprio personagem conservado que habita o papel complementar interno patológico.

Agora, com este distanciamento reflexivo, percebemos o conflito repetitivo que não se resolve, pela falta de um caminho resolutivo por parte do terapeuta. Outra saída possível, além da maternagem acolhedora do terapeuta, seria a de tirá-la de cena para ela ver de fora a conversa entre estes dois personagens: a vítima e o seu par algoz ajudando-a na reflexão sobre como solucionar o problema, inclusive promovendo a ela a criação de outro personagem ou personagens para auxiliá-la a sair deste jogo sem saída. Sabemos que a resolutividade é um processo e que o mais assertivo seria poder chegar ao status nascendi da criação deste personagem conservado que habita o papel complementar interno patológico, por intermédio de cenas e sua possível reparação.

Após explorar essas duas personagens, saímos do intra psíquico e entramos no inter relacional com João. Percebemos com essa atitude, agora no distanciamento reflexivo, aquele momento que nos sentimos travados e não conseguimos ver claramente as saídas possíveis para a desconstrução do personagem conservado. Situação que faz parte do role play do papel de diretor.

Assim na inter relação com João aparece o mesmo conflito do-intrapsíquico, ou seja, ela faz com João o mesmo que a ML faz com a MP. Também nessa relação com João aparecem os

sentimentos de raiva e culpa, e daí o personagem submisso e vitimizado. Vemos isso nas seguintes falas:

"Porque você não veio escutar ontem o que o padre Fábio de Melo estava falando (...), você tinha que escutar também (...). Você tinha que estar lá perto de mim par escutar o que estava falando."

"T (no papel de João) – Ai coitado de mim, você não cuida de mim, você não me ajuda, eu quebrei duas costelas

M- daqui a pouco vai ser três."

Durante a conversa também me utilizo da realidade suplementar para referendar aquilo que ela percebe em João.

"T(no papel de João) - eu faço esse joguinho mesmo..."

"T (no papel de João) - Eu me importo mais com a minha felicidade do que com a sua."

E voltando para o intersíquico, faço uma maternagem mais adequada, refletindo com ela se a MP tinha alguma qualidade e se ela gostaria de algo dela. A conversa entre as duas passa a ser num tom mais compreensivo.

No final da sessão ela compartilha dizendo que consegue enxergar claramente as duas personagens que a habita, diferentemente de sessões anteriores onde ela saía da sessão se sentindo confusa. De fato quando conseguimos nomear corretamente nossas angústias elas já cedem. O fato de não saber nomear a origem da angústia é grande causa de angústia.

A partir dessa cena pude observar e viver junto com Maria a presença desses dois personagens, ajudando-a a reconhecer e perceber que com o marido ela atuava a MP e não podia atuar a ML. Existia aquele personagem conservado que habita seu papel complementar interno patológico que fazia esse jogo com o marido. Ela cuidava, mas ele também cuidava, ela tinha um "ganho" em permanecer na relação. Assim, esse personagem conservado - vítima -, que fazia parte de seu conjunto transferencial e de sua lógica afetiva de conduta, pôde ser visível através das técnicas da psicoterapia da relação e da cadeira vazia, esta última aqui compreendida pela concretização da divisão interna.

Quando proponho a discussão entre seus personagens internos MP e ML dou a ela a possibilidade de reconhecer, dentro dela, esses dois personagens. Ao reconhecer esses dois personagens ela pode se responsabilizar e não precisa mais colocar nele a responsabilidade pela dor e raiva da sua vitimização. Isso já é promover uma "limpeza" uma reorganização interna, é promover uma saída do conjunto transferencial.

Através do método da psicoterapia da relação e com a vivência da técnica da divisão interna ou cadeira vazia, vou ajudando-a a perceber esse personagem "vítima" na relação com João. Ela diz, diversas vezes, que ele se faz de "vítima", no entanto sabemos que se ele se faz "vítima" ela é o "algoz", pois um papel só existe na existência de seu complementar, o contra papel, um complementar patológico. Essa cisão existe para ela não poder se responsabilizar pelos desejos e sentidos que a relação está engendrando. No entanto o "algoz" - ML - e a vítima - MP - moram dentro dela. Ela entra nesse jogo para não olhar, para "*querer ir embora*". Esse "*querer ir embora*" (da sessão, e da relação com João) é a angústia de ter que enxergar essa MP. É a impossibilidade dela ter ainda dentro dela espaço interno para acolher essa MP.

Sabemos que o status nascendi desse personagem vitimizado não mora na relação com João, com a terapia busquei ajudá-la a re-olhar o momento da cena que aparece, o porquê ela tem que ser "boazinha", cuidar de todo mundo, ou seja, "*para que isso?*". Não foi, no entanto nessa sessão que chegamos nisso. Sabemos que esse modo de se relacionar com o marido não é por conta do marido, e sim por conta de uma história dela, onde o conjunto transferencial (personagem conservado, surgido na lógica afetiva de conduta e que migra pelo efeito cacho de papéis nas relações com as pessoas) ocupou seu lugar e a fez ser do jeito que ela pode ser, até aquele momento.

Nas três sessões que se seguiram, nos aproximamos mais do status nascendi desse personagem conservado, ela falou de seus cinco anos de idade, de sua infância e de sua relação com os pais. Porém antes da "alta" ela se mudou para a cidade vizinha, terminando seu casamento, e a psicoterapia se encerrou. Temos clareza da necessidade da continuidade do processo psicoterápico. Fazer essa saída, não quer dizer necessariamente, que ela já é capaz de tomar conta dela, pois seria necessário um acompanhamento maior, um cuidador que mediasse essa maternagem, dela com ela mesma, para sair dessa dinâmica de raiva e culpa, assim como

uma nova função paterna que a ajudasse na resignificação da distância afetiva, vivida na sua paternagem, facilitando as aquisições de limites e contornos.

Termino essa discussão retomando os objetivos deste trabalho, ou seja, o de refletir sobre o que é "uma clínica para a liberdade". E refletir sobre a eficiência teórico/metodológica do psicodrama verificando as conquistas do processo psicoterápico na perspectiva do tema liberdade. Assim "uma clínica para a liberdade" é aquela que através de seus métodos possibilita caminhos subjetivos de liberdade, chaves para abrir "cadeias e correntes" subjetivas, oferecendo condições, ou ferramentas para "quebrar as paredes, ou construir túneis de saída". "Uma clínica para a liberdade" é aquela que compreende que apesar das diversas determinações a que somos "presos" há em nós, uma existência indeterminada. O psicodrama nesse sentido, possibilita essa resposta de liberdade através de sua abordagem teórico/metodológica, da espontaneidade e criatividade proporcionando novas respostas a situações velhas e respostas adequadas a situações novas e promovendo o que propõe Moreno no poema convite ao encontro,

" (...) nosso encontro permanecerá meta sem cadeias,

Um lugar indeterminado, num tempo indeterminado.

Uma palavra indeterminada para um Homem indeterminado."

(MARINEAU, 1992, p.59).

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

"A subjetividade é a verdade.⁶" (Kierkegaard)

A partir deste trabalho apresentado, buscamos contribuir com o desenvolvimento do psicodrama como ciência, como ferramenta de tratamento no contexto psicoterápico, e

⁶ *Post Scriptum não científico às Migalhas filosóficas.*

disponibilizar uma contribuição prático/teórica a futuros psicodramatistas e outros pesquisadores que vierem a se interessar pelo tema.

Destacamos nessas considerações a base filosófica da corrente dos pensadores da imanência descrito na fundamentação teórica, através do resgate dos pensadores Demócrito, Spinoza, Schopenhauer, Nietzsche, Bergson, e os existencialistas Kierkegaard e Sartre. Vimos, nos filósofos da transcendência, a partir de Platão e dos racionalistas Descartes e Kant, que a ênfase recai sobre um mundo “perfeito” a ser alcançado, uma dualidade atualizada. Já nosso trabalho como psicodramatistas se fundamenta no trabalho criador gerado pela imanência onde causa e efeito são as características da interioridade das ações. Sabemos que em Moreno, assim como nos filósofos imanentes, o conceito de Deus de nada tem a ver com o céu e o inferno. Trata-se de um Deus imanente à Natureza, diferente do Deus transcendente, personalizado, da tradição judaico cristã. Tudo se integra e se reintegra, não há uma ação que vise a um fim último predeterminado. Tudo é um fluir constante do qual fazemos parte, assim nossa corresponsabilidade no processo.

Trazemos o princípio da liberdade subjetiva dos filósofos da imanência, ou seja, aqueles que unificam corpo e alma, e que comungam com essa possibilidade vivenciada. Inicialmente Maria acreditava ilusoriamente que a liberdade estava fora dela, e que sua prisão era causada por João, porém através do método vivenciado, compreendeu que a responsabilidade também era dela, e que a causa e efeito de suas ações moravam dentro dela.

Segundo Spinoza a liberdade é relativa mas existe um trabalho ativo para ela, no entanto não vem só da consciência mas também da possibilidade da compreensão dos conteúdos inconscientes. Nesse sentido podemos dizer que essa sessão/processo também foi extremamente spinozista, na medida em que através do encontro, próprio da relação terapêutica, foi possível estabelecer uma relação tética e auxiliá-la na aproximação desses conteúdos, de uma maneira intuitiva, atualizando o que Spinoza diz sobre a ciência intuitiva – aquela que engendra a ação. Com isto pudemos ajudá-la no resgate da espontaneidade e criatividade.

Encerramos dizendo que esse processo de criação e construção do trabalho, proporcionou um rico aprendizado nesse outro processo, que é a formação como psicodramatista. Certamente revisar este caso analisá-lo, e estudá-lo de uma forma minuciosa e atenta, permitiu a

compreensão e apreensão de muitos conceitos ainda obscuros dentro da minha sistematização sobre a teoria psicodramática, que hoje se reflete de forma mais articulada, criativa e eficaz, em novos casos como psicoterapeuta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR NETO, Moysés, coordenador. **O Psicodramaturgo J. L. Moreno, 1889- 1989**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1990.

AGUIAR NETO, Moysés. **Teatro da Anarquia – um resgate do psicodrama**. São Paulo: Àgora, 1992.

_____. **Teatro espontâneo e psicodrama**. São Paulo: Àgora, 1998.

ALMEIDA, Wilson Castello de. **Psicoterapia Aberta: formas do encontro**. 2. ed. São Paulo, Agora, 1988.

_____. (organizador). **Grupos: A Proposta do Psicodrama**. São Paulo: Agora, 1999.

_____. **Psicoterapia Aberta**. São Paulo: Àgora, 2006.

_____. **Além da catarse, além da integração, a catarse de integração**. Rev. bras. psicodrama, São Paulo, v. 18, n. 2, 2010.

ALVES, Luiz Falivebe R. **O protagonista: conceitos e articulações na teoria e na prática**. Anais do 7º Congresso Brasileiro de Psicodrama. Rio de Janeiro: Febrap, 1990.

ANDRADE M. Oliveira. **A crítica de Nietzsche à moral kantiana: por uma moral mínima**. Cadernos Nietzsche, v. 27, p. 169-189. Ano 2010.

BARROS FILHO, CLÓVIS DE, & POMPEU, JÚLIO. **A filosofia explica as grandes questões da humanidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2013.

BITTERBIER, Solange. **Ação e duração: a visão bergsoniana da liberdade**. Anais do VII Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar (2011).

BUSTOS, Dalmiro Manuel. **Perigo... amor à vista! Drama e psicodrama de casais**. 2 ed. Tradução Norberto de Paula Lima. São Paulo: Aleph, 1990.

CALVENTE, C. F. **O personagem na psicoterapia: articulações psicodramáticas.** São Paulo: Ágora, 2002.

COSTA, Germano Quintanilha. **Liberdade e Determinismo Psíquico: Considerações A Partir Das Ciências Cognitivas E Da Psicanálise.** *Dissertação de Mestrado. Campos dos Goytacazes 2008.*

CUKIER, R., **Psicodrama Bipessoal – sua técnica, seu terapeuta e seu paciente.** São Paulo, Ágora, 1992.

CUNHA, M. H. Lisboa da. **Ensaio Filosóficos, Volume III - abril/2011.**

DUROZOI, G. e ROUSSEL, A. **Dicionário de Filosofia.** Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1993.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. **A clínica psicológica infantil em uma perspectiva existencial.** *Rev. abordagem gestalt., Goiânia , v. 17, n. 2, dez. 2011 .* Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 13 jan. 2015

FONSECA, José. **Psicoterapia da relação: elementos de psicodrama contemporâneo.** São Paulo: Ágora, 2000.

_____. **Moreno e Espinosa: Aproximações.** *Rev. bras. psicodrama, São Paulo , v. 22, n. 1, 2014.*

GONÇALVES, C. S.; WOLFF, J. R. e ALMEIDA, W. C. **Lições de Psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno.** São Paulo: Ágora, 1988.

GONÇALVES, Antonio Baptista. **A liberdade em Spinoza.** *Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 9, n. 16, p. 19-29, 2014.*

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia.** 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes.** *Edições 70 LDA, Setembro de 2007.*

_____. **A Metafísica dos Costumes.** Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2003.

KNOBEL, Ana Maria A. A. Costa. **Em tempo presente: O co-inconsciente.** *17º Congresso Brasileiro de Psicodrama. Ano 2010. Disponível em: <http://www.febrap.org.br/publicacoes/Arquivos.aspx?idc=1&idt=A&idm=27>, acessado dia 09 de abril de 2015.*

MARX, Karl. **Manifesto Comunista.** São Paulo, Paz e Terra, 1998.

MARINEAU, R.F. **Jacob Levy Moreno 1889-1974 - Pai do Psicodrama, da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo.** São Paulo:Ágora, 1992.

MESQUITA, Ana Maria Otoni. **O psicodrama e as abordagens alternativas ao empirismo lógico como metodologia científica.** *Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 20, n. 2, Junho 2000.* Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000200006&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 19 Fev. 2015.

MORENO, J.L. 1920. **As Palavras do Pai.** Campinas: Editorial Psy, 1992.

_____ 1959a. **Fundamentos do Psicodrama.** 2ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1983.

_____ 1949. **Psicodrama.** 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____ 1959b. **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama.** 1ª. Ed. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

_____ 1923. **O Teatro da Espontaneidade.** 1ª ed. São Paulo: Ágora, 2012.

NERY, M. P., **Vínculo e afetividade – Caminhos das relações humanas.** São Paulo, Ágora, 2003.

NEVES, José Luiz. **Pesquisa Qualitativa -Características, usos e possibilidades.** *Caderno de pesquisa em administração, São Paulo, V.1, Nº 3, 2º Sem./1996.*

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm; **Assim Falava Zaratustra.** *Edições em iSilo, pdf e eBooklibris e BooksBrasil.org Fevereiro de 2006.*

PERAZZO, Sérgio. **Fragmentos de um olhar psicodramático.** São Paulo: Ágora, 1999.

_____. **Psicodrama – O forro e o avesso.** SãoPaulo: Ágora, 2010.

QUINIOU, Yvon. **Das classes à ideologia: determinismo, materialismo e emancipação na obra de Pierre Bourdieu.** *Revista Crítica marxista, n. 11, 2000.*

RAMALHO, Cybele M. R. **Psicodrama e dinâmica de grupo.** São Paulo, Ed. Iglu. 2010.

REZENDE, Wander Ferreira. **A liberdade em Espinoza.** *Discertação de Mestrado, Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte, Centro De Ciências Humanas, Letras E Artes Departamento De Filosofia Programa De Pós-Graduação Em Filosofia, Natal - RN, Ano 2006.*

SANTOS, Katia Cilene da Silva. **O problema da liberdade na filosofia de Arthur Schopenhauer.** *Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, ano 2010.*

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica.** *Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.*

SILVA, Rudah; AZEREDO, Vânia Dutra. **A Questão da Liberdade em Nietzsche.** *Anais do XVI Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas 27 e 28 de setembro de 2011* ISSN 1982-0178.

SIQUEIRA, Geovane Mariano de. **A liberdade em Kant.** Site de artigos. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-liberdade-em-kant/64540/#ixzz3Q8HwZav9>. Acesso em 28 jan. 2015.

TREVIZAN, T. C.; DIAS NETA, V. B. S. **A liberdade sob a perspectiva de Kant: um elemento central da ideia de justiça.** *Cadernos da Escola da Magistratura Regional Federal da 2ª Região*, v. 03, p. 109-132, 2010.

WECHSLER, Mariângela P. F. **Relações entre afetividade e cognição: de Moreno a Piaget.** 2ª ed. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.

_____. **Psicodrama e construtivismo: uma leitura psicopedagógica.** 2ª ed. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999.

_____. **A Pesquisa - Ação e o Método Socionômico: uma conexão possível.** *IV Congresso Brasileiro de Psicodrama, Junho de 2007.*

_____. **Pesquisa e Psicodrama.** *Revista Brasileira de Psicodrama* vol. 15, nº 2, 2007.